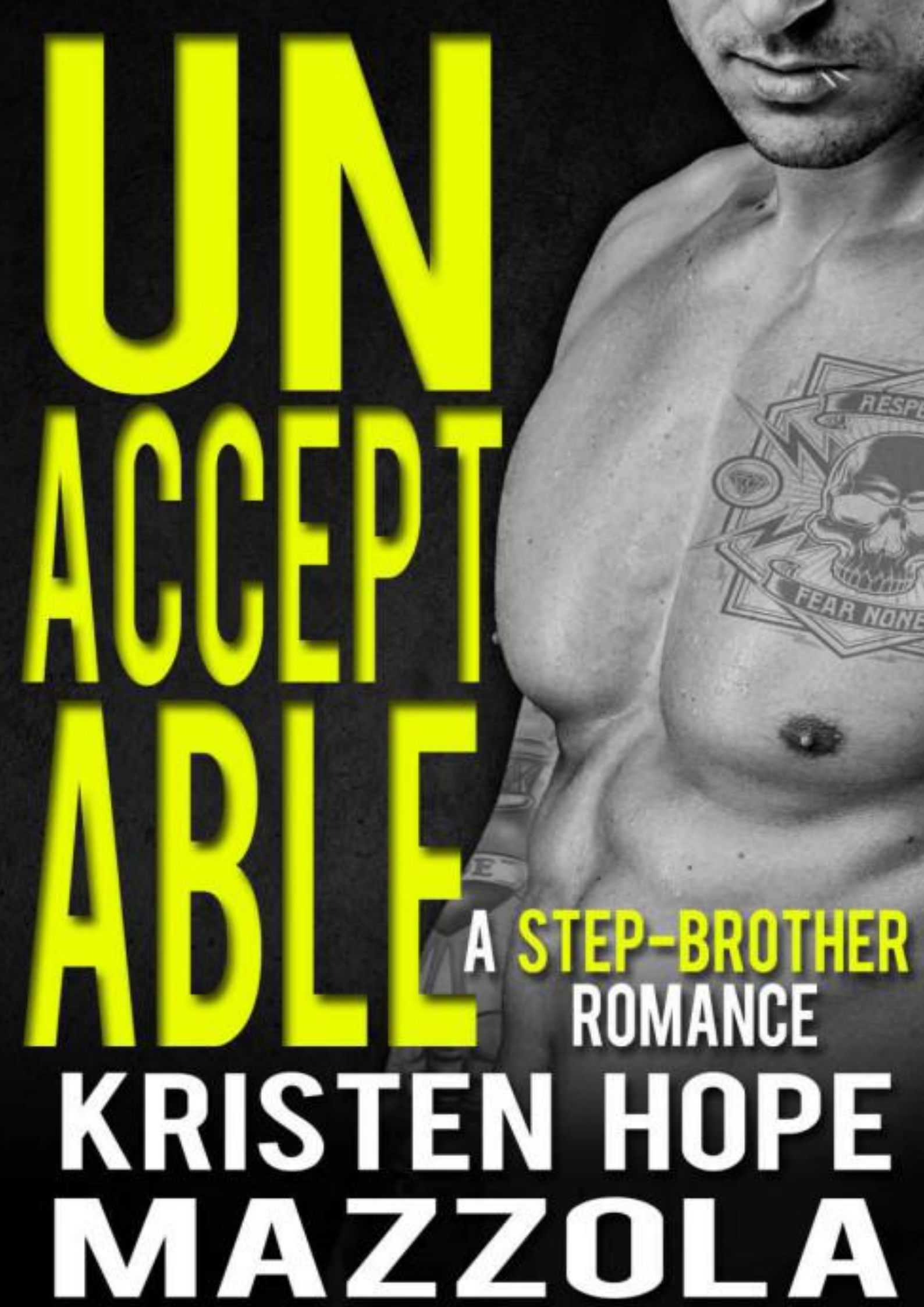

UNACCEPTABLE
A STEP-BROTHER ROMANCE
KRISTEN HOPE MAZZOLA



AVISO

A presente tradução foi efetuada pelo grupo Warriors Angels of Sin (WAS), de modo a proporcionar ao leitor o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os e disponibilizando-os ao leitor, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para o leitor adquirir as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil.

A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo WAS poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras.

Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo WAS de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.





UNACCEPTABLE

Por Kristen Hope Mazzola

WARRIORS ANGELS OF SIN

WAS

TRADUÇÕES

EQUIPE

Disponibilização - Sidriel Wings

TM - Atenas Wings

Tradução - Herrera Wings

Revisão - Sidriel Wings

Leitura Final - Morrigan Wings

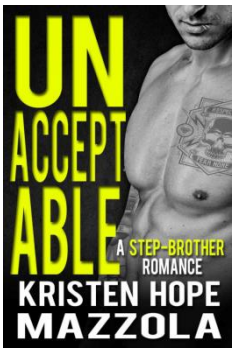
Formatação - Sidriel Wings

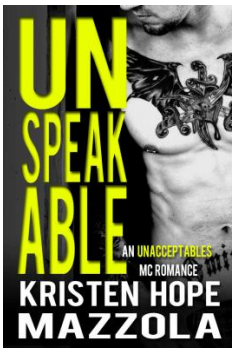


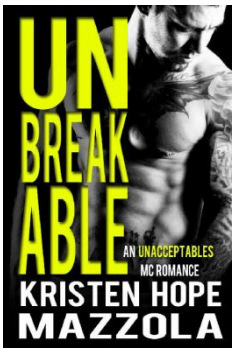
Julho 2020

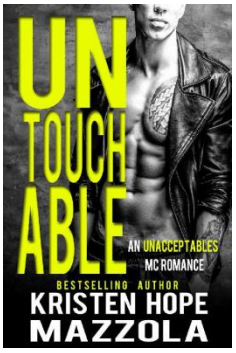


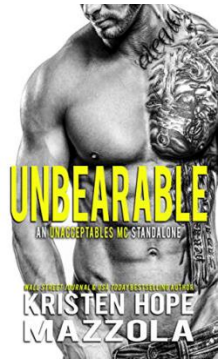
THE UNACCEPTABLES MC

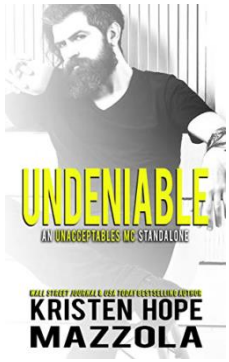


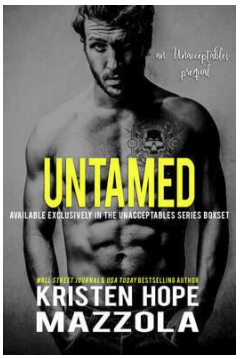


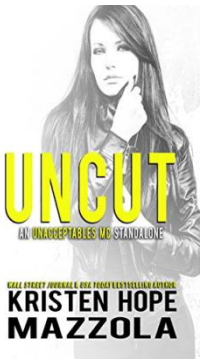


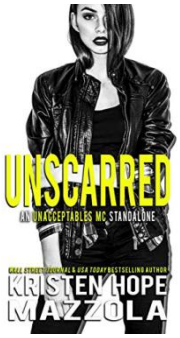


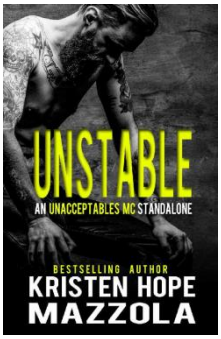


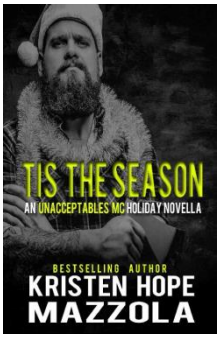


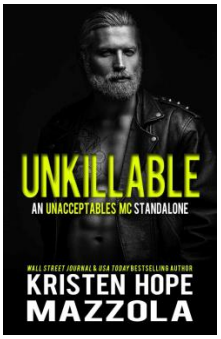




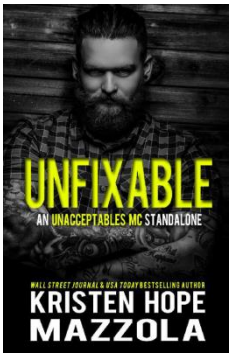


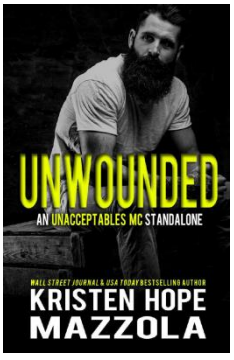














THE UNACCEPTABLES MC

A série The Unacceptables MC é composta de vapor,

romances independentes com foco nos Unacceptables MC!

Dos Presidentes dos capítulos, até

membros desagradáveis do clube, para as Old Ladies que são

a espinha dorsal do clube - esta série tem tudo, com toneladas de caracteres que irão acelerar o seu motor,

enquanto derrete o seu coração,

mantendo você virando as páginas...

Então, pegue nesses livros

e acelere seu coração enquanto se apaixona por

este incrível grupo de motociclistas hard-core

e toda a sua família

enquanto eles te levam em um inferno de um passeio selvagem!

LIVRO 1
UNACCEPTABLE



Aqui começa a apresentação desta série, com o casal Abel e Crickett.

Crickett deixa a vida com sua mãe e vai em busca do pai e chega a Villas, onde conhece o MC e Abel.

E onde se encontra o seu pai, Rave.

Abel é membro do MC Unacceptables.



PRESIDENTES / MEMBROS / CAPÍTULOS

CAPÍTULO DE VILLAS

Presidente Original - **ODIN** (Old Lady Sherry, filho Abel)

Segundo Presidente - **RAVE** - Vice-Presidente Original do Capítulo de Sweetwater, em que o Presidente era Hawk; a primeira Old Lady foi Hellen e depois foi Sherry; pai de Crickett e padrasto de Abel. - a história dele é contada no **Livro 6.5**

Terceiro Presidente – **ABEL** – Old Lady Crickett, filha: Raine (com a primeira mulher) e Collin com Crickett. - a história deles é contada no **Livro 1**

Quarto Presidente – **RYDER –** Old Lady Raine (filha de Abel e Crickett), filho Abel - a história deles é contada no **Livros 2 e 3**

Vice Presidente - **HOLT** – vive em casa de Abel, no início da série. – a história dele é contada no **Livro 9**

Membro **TRENT** - Old Lady Sloan – a história dele é contada no **Livro 4**

Outros Membros: Red, Jesse, Ozzy, Jack (Sargento de Armas) e Collin (filho de Abel e Crickett; Old Lady é Harlow do Capítulo Sweetwater)

CAPÍTULO DE ATLANTA



Presidente - **BEAR** (Old Lady Scarlett) – A história deles é contada nos **Livros 5 e 8**

VP - **JAXON**

Sargento de Armas - **RIGGER**



CAPÍTULO DE ARKANSAS

(ORIGEM DOS UNACCEPTABLES)

Presidente – **HAWK**

VP - **RAVE**

Membro - **RED**

SEGUNDA GERAÇÃO

Presidente - **MACCON** (Primeira Old Lady Allie, filha Emerson, Segunda Old Lady Kinsley) – A história dele é contada no **Livro 10**

VP - **REESE** - Old Lady Katherine, filha Adalynn – A história dele é contada no **Livro 11**

Sargento de Armas - **JETT** - Old Lady Raven, filha Emma - A história dele é contada no **Livro 12**

CAPÍTULO DE TENNESSEE

Presidente - **BUCK**

VP - **RYAN** - Old Lady Cassidy, filho Mikey - A história deles é contada nos **Livros 6 e 7**

VP 2 - **MAC**



CAPÍTULO DE SWEETWATER

Presidente – **BLAZ** - Old Lady Abigail, filha Harlow

VP - **CARSON**

Membro - **COLLIN** - Old Lady Harlow - (filho de Abel e Crickett, muda-se para o Capítulo de Sweetwater) A história deles é contada no **Livro 9.5**



NOTAS DO STAFF

HERRERA WINGS - O mundo dos Unacceptables MC te leva a uma realidade onde a família protege os seus, a ferro e fogo, a lealdade que eles têm um com o outro, e obviamente o amor, tornam essa história ainda mais envolvente. É impossível não gostar dessa história.

ARIEL WINGS - O que dizer desta série... simplesmente fantástica, não fosse eu viciada em MC . Homens crentes ao club, à família mas principalmente apaixonados por suas mulheres, capazes de tudo para fazê-las felizes!!! DE TUDO...

FABY - Adorei revisar essa série, me apaixonei por vários personagens e sim ganhei muita raiva de outros, há mocinhos nos Unacceptables como Reese, Rave, Abel, Maccon, Jett mas odeio o Odin traste de homem, chorei em umas partes mas fiquei muito maravilhada como são uma família onde todos se apoiam.

VIVI GUEIXINHA - Na contramão do que seria correto, o amor ainda é subversivo, e ainda assim, simples! Histórias curtas, quentes, amores intensos e sem convenções.

ELENA REIS - Série maravilhosa, de muito amor, de paixão e família espero que amem tanto como eu amei revisar.

MORRIGAN WINGS - Foi um enorme prazer poder fazer leitura de alguns desses livros. Uma das melhores séries de MC de sempre.



SIDRIEL WINGS - Enquanto revisava, eu não lia, devorava cada página. Esta autora surpreendeu-me, encantou-me e tornou-me fã. A forma como ela pula no tempo pode parecer estranha, mas no fim, faz todo o sentido. Amem! Amem estas histórias, como nós.



LEMA DOS UNACCEPTABLES

Não tema ninguém.

Respeite poucos.

LOGOTIPO DOS UNACCEPTABLES

LOGOTIPO DO BAR DOS UNACCETABLES



Código de um fora da lei

Nunca diga morrer e nunca desista.

Seja em uma luta, debate ou curva muito apertada,

Por pior que seja, um fora da lei nunca mostra fraqueza e nunca desiste.



DEDICATÓRIA

A todos que lutaram por amor em suas vidas:

Nunca deixe ir.

É precioso e raro.





SINOPSE

Minha hora finalmente chegou.

Hora de fugir de minha mãe, de suas loucuras e moral questionável.

Estou saindo de Dodge, saindo do estacionamento de trailers, para fazer algo por mim mesma.

Tudo estava bem até eu entrar no bar dos Unacceptables e conhecer Abel Hellock.

Com seus lindos músculos, tatuagens, motocicleta e sorriso perfeito, meus joelhos tremeram.

Minha vida estava prestes a ser sugada de volta ao ventre decadente de que lutei tão desesperadamente para sair.

Tudo estava bem até que conheci meu meio-irmão pela primeira vez.

*** 18 + para situações sexuais, idioma e conteúdo adulto. ****

É um romance de meio-irmão e MC!

Este livro é autônomo!





CAPÍTULO 1

Bum!

O som da minha mãe jogando o secador de cabelo em seu quarto e batendo nas paredes finas do nosso banheiro duplo me sacudiu do meu sono profundo.

— Por que você não sai então, seu desgraçado? — Ela estava quebrada de novo, arrastando suas palavras enquanto tentava outra briga com meu pai depois de voltar para casa nas primeiras horas da manhã.

— Você não me tenta, Helen, eu juro por Deus! — A voz rouca do meu pai era baixa e grave, provavelmente tentando não me acordar.

Tarde demais.

Essa briga não era como qualquer outra noite em que ela chegava em casa tarde do bar; esta parecia pior.

— Se você quer tanto ir embora, então faça-me um maldito favor e saia daqui, seu maldito cretino. — Ouvi a porta se abrir e o som das botas do meu pai batendo no corredor com o baque da minha mãe tentando correr atrás dele de salto.



— Helen, saia de cima de mim. Já chega. — Ele estava do lado de fora da minha porta. Prendi a respiração. Eu estava pronta para fugir com ele.

— Seu maldito imbecil, você não a está levando com você!

Tapa!



Tapa!

Tapa!

Eu podia ouvi-la batendo nele.

— Você não vai criar minha filha, sua prostituta de merda. Só a deixo aqui por cima do meu cadáver!

Essa foi a primeira noite que ouvi essa palavra: prostituta. Foi a definição perfeita para minha mãe. Era exatamente o que ela era.

Ouvi os soluços de minha mãe ficarem mais suaves quando meu pai lentamente abriu a porta do meu quarto. Prendi a respiração, tentando fingir que ainda estava dormindo, silenciosamente implorando para que ele me pegasse em seus braços fortes e me afastasse do estacionamento de trailers e da pessoa terrível que fingia ser uma boa mãe.

— Sim. Olá. — Ouvi sua voz mansa estalar quando ela fungou no receptor do nosso velho telefone com fio amarelo na cozinha. — Meu namorado está tentando sequestrar minha filha. Por favor, envie alguém rápido.

— Sua maldita, sua maldita boceta! Ela também é minha filha.

— Foda-se, Rave! Se você queria tanto que ela fosse sua filha, deveria ter assinado a maldita certidão de nascimento!



A porta da frente se abriu e as botas de meu pai desceram os degraus de metal, o som ecoando em meus ouvidos quando meu coração ficou mais pesado a cada pisada. Corri para a janela e vi meu herói, meu salvador, a única pessoa que me mostrou amor, entrar em seu caminhão e ir embora.



Luzes traseiras. Isso foi o que realmente lembrei daquela noite. O brilho das luzes traseiras do enferrujado e longo trailer de meu pai . O cascalho cuspiu sob os pneus enquanto ele fugia para a liberdade. Quem poderia culpá-lo? Não eu, isso é absolutamente certo. Eu estava prestes a seguir seus passos. Levou apenas dezessete anos para cultivar as bolas metafóricas para perceber que ele estava certo. Ele fez o movimento certo. Todo o ressentimento e raiva que eu tinha deslocado sobre ele por me abandonar estava finalmente caindo sobre os ombros certos: os dela, a minha mãe prostituta.

Sentei-me do lado de fora do trailer em que cresci, do mesmo lugar em que meu pai havia escapado, assistindo a luz apagar no quarto da minha mãe, do banco da frente do meu maltratado Camaro. Ela provavelmente estava fingindo dramaticamente outro orgasmo enquanto John-número-quinhentos-e-algo acreditava em todos os grunhidos e gemidos. Eu tenho que lhe dar esse crédito: ela era muito boa em seu trabalho.

Peguei as páginas gastas da carta que tinha lido milhares de vezes e as coloquei de volta no envelope. Eu li o nome da cidade no endereço de retorno novamente: *Vilas.* Era aí que eu começaria minha nova vida. Era aí que eu começaria minha busca, não por ele, mas por mim. Se fosse bom o suficiente para o meu pai, seria bom o suficiente para mim.



Fazia dez anos desde que recebi minha única carta dele. Era o meu bem mais estimado. Eu sabia tudo de cor, mas a



última frase ficou comigo, como um disco quebrado em minha mente:

Eu sempre te amei e nunca vou esquecer isso, princesa.

Receber essa nota manuscrita mudou minha vida. Isso me deu esperança, coragem e um fogo embaixo da minha bunda para fazer algo melhor comigo mesma. No fundo da minha mente, eu sabia que era apenas uma pequena carta, que se ele realmente me amasse como havia afirmado tão dramaticamente, teria voltado por mim, lutado por mim e até ficado naquela noite, mas isso era tudo no passado. Era hora de começar o futuro e, pelo amor de Deus, eu estava prestes a pegar o touro pelos chifres e ser algo mais do que um bicho de parque de trailers que se despia para sobreviver.

O motor antigo ganhou vida depois da terceira vez que eu virei a chave. Eu realmente precisava dar uma olhada, mas precisava sair primeiro do parque de trailers. Eu não tinha nenhum plano, apenas uma pilha de cheques sem pagamento da Pink Kitty, onde eu trabalhava há anos, e um maço de notas de dólar que eu consegui esconder da minha mãe, mas teria que ser suficiente. Eu bati na parede e finalmente consegui vê-la: precisava seguir em frente.



Eu tive que dar a ela algum crédito onde deveria: minha mãe tentou. Ela me amava do seu jeito, mas nunca foi amorosa ou maternal. Ela estava chapada ou fodida para conseguir sua próxima dose durante a maior parte da minha infância, mas tudo bem; Eu superei isso. Eu percebi há muito tempo que você não pode pedir mais



a alguém do que ele é capaz; ela não passava de uma prostituta, e eu tive que aceitar. Minha mãe não tinha aspiração de fazer algo mais de si mesma e eu teria que viver com isso. Não há como salvar alguém que não quer ser salvo, isso é absolutamente certo.

Olhei para trás no espelho retrovisor quando a estrada empoeirada me levou para longe da única casa que eu já conhecera.

Espero que este seja meu último olhar para aquele buraco do inferno.

Eu me pirei dali com Katy Perry e T-Swift enquanto trocava a marcha e a estrada girava e girava, meus longos cachos negros dançando ao vento entrando pelas janelas abertas. A libertação ferveu em minhas veias enquanto uma pontada de culpa mordia o fundo da minha mente. Eu sabia que ela descobriria mais tarde ou mais cedo que eu a tinha abandonado. Provavelmente não seria até que ela fosse invadir o meu quarto pelo meu estoque de dinheiro que tentei esconder, por trabalhar todas aquelas malditas noites para caminhoneiros nojentos.

Eu dirigi e dirigi, parando para abastecer algumas vezes, tendo que encher o fluido da embreagem e da direção hidráulica em algumas ocasiões e ignorando a necessidade dolorosa do meu corpo por uma cama. Eu queria desesperadamente colocar o máximo de estradas e tantos estados humanamente possíveis entre mim e o buraco do qual eu estava rastejando. Café e buracos de rosquinha de chocolate teriam que servir até que eu não aguentasse mais.



O dia continuou e minhas pálpebras ficaram mais e mais pesadas quando uma



música lenta do Boyz II Men veio dos alto-falantes. Foi quando eu finalmente vi, o sinal que eu estava esperando: 'Vilas - 5 milhas'.

Simmm!

Eu parecia tonta como uma colegial enquanto a alegria me consumia. Eu senti como se tivesse finalmente conseguido. Este não era apenas um sonho construído na mente de uma criança ingênua. Isto era real. Eu finalmente estava livre. Podia provar a doce vitória enquanto respirava na estrada poeirenta que estava levando o caminho para a minha salvação.

Quando saí da estrada e virei por uma estrada secundária, a exaustão começou a se acalmar profundamente. Um bocejo tomou conta quando entrei no estacionamento de um bar. Eu precisava encontrar um lugar para dormir e descobrir o meu próximo passo. Peguei o batom vermelho brilhante da minha bolsa; mesmo que eu sentisse e provavelmente parecesse uma merda, o batom o tornaria um pouco melhor. Duas coisas que nunca saí de casa sem: um bom sutiã e batom.

Uma placa manuscrita 'Procura-se Ajuda' chamou minha atenção quando puxei a alça de metal gasta. O cheiro de fumaça de cigarro flutuou quando abri a pesada porta de madeira. Parecia um filme antigo, onde a música corta quando o personagem principal entra por engano em um bar onde pessoas de fora não são bem-vindas. Havia algumas mesas vazias de bar espalhadas ao redor e um punhado de mesas de bilhar atrás.



Sentei-me em uma das cadeiras giratórias barulhentas, a pelo menos cinco cadeiras do próximo cliente. Todos os olhos



estavam colados em mim quando joguei minha bolsa no bar com um baque e acenei para o barman mais velho. Isso me deixou um pouco mais desconfortável quando percebi que era a única pessoa com uma boceta em toda a instalação. Alguns dos caras na mesa de sinuca atrás de mim quase quebraram o pescoço enquanto eu entrava com meus jeans justos, sutiã firme e blusa de ioga esvoaçante.

O barman veio ter comigo enquanto eu dava uma boa olhada em seus amáveis olhos de mel; cabeça raspada, careca e brilhante; e o bigode branco, longo e puro, que repousava sobre seus lábios curvados. Suas bochechas rosadas o fizeram parecer muito mais alegre do que provavelmente era. O que realmente chamou minha atenção foi o patch que ele estava usando. Eu definitivamente entrei no bar errado, onde pessoas de fora não eram nem um pouco bem-vindas.

Respirei fundo e me lembrei de que eu era uma garota alta e magra e que minha arma estava a apenas um pé de distância na minha bolsa. Depois de trabalhar como stripper por quase cinco anos, aprendi rapidamente que precisava saber como me proteger e para não deixar o medo passar pela minha cara.



Em um tom lento, sua voz quebrou o silêncio: — Posso pegar algo para você, querida?

Engoli em seco antes de responder: — Uma garrafa de Bud Light, por favor. — Eu senti como se um rato tivesse falado mais alto do que eu acabei de falar, mas ele assentiu e alcançou a calha de gelo na frente dele



para pegar minha cerveja.

— Te conheço de algum lugar? — Seus pálidos olhos de mel se estreitaram; ele estava estudando meu rosto com muita atenção. Olhei para a minha bolsa onde a única carta que eu tinha do meu pai estava escondida ao lado da minha 38 de segurança. Ele poderia muito bem estar neste bar ou conhecer esse barman. A cidade era pequena o suficiente.

Balancei minha cabeça. — Nunca estive aqui antes.

— Eu acho que me lembraria de conhecê-la. — Ele piscou com uma risada gutural antes de olhar para analisar um homem em um patch correspondente que acabara de se sentar ao meu lado.

O recém-chegado pediu seu uísque com gelo e se virou na minha direção. Olhei para as costas do barman apenas o tempo suficiente para ler o nome do clube rolado na parte de trás: The Unacceptables MC. Olhando por cima, minhas bochechas ficaram vermelhas enquanto eu observava as características do jovem motociclista à minha direita. Tudo desbotou em um fundo desfocado quando o garanhão extremamente alto e de peito largo sorriu para mim. Seus lábios tinham o tom perfeito de vermelho claro, perfurados com dois pequenos aros no canto esquerdo, e até seus olhos sorriam quando seu olhar encontrou o meu.



— Olá. — Ele deslizou o banquinho para mais perto do meu.

Eu balancei minha cabeça rapidamente, tentando entender o que pensava enquanto seus azuis profundos estavam



ameaçando me afogar. — Oi. — Bebi da minha cerveja lentamente, lutando para esconder o quão nervosa fiquei de repente.

— Não é daqui, não é? — O barman deslizou sua bebida na frente dele.

— Não. Só de passagem.

Eu li as palavras 'Vice-presidente' na frente de seu patch antes de deixar minha mente começar a me concentrar completamente no quão incrivelmente bonito esse homem realmente era.

Lento. Profundo. Respire.

Lento.

Profundo.

Não deixe que ele te pegue praticamente babando.

Porra, ele é lindo.

— Isso é uma vergonha. — Seus lábios se curvaram sob seus piercings enquanto sua língua rolava sobre os aros de prata suavemente. — Eu sou Abel. — Ele estendeu a mão para eu pegar.

— Prazer em conhecê-lo, eu sou Crickett.

— Espera. — Ele tentou desesperadamente não rir quando suas bochechas ficaram vermelhas e seus lábios puxaram para os cantos. — Seu nome é Crickett? Como o inseto?[1]



— Sim, com certeza é. — Revirei os olhos antes de dar um longo gole na garrafa. — Eu sou nomeada por um maldito inseto.

[1] Cricket é uma espécie de grilo.



— Quem iria pensar em dar esse nome a um filho? — Ele estava totalmente rindo agora, enquanto a hilaridade do meu infeliz nome realmente afundava profundamente.

— Um caloteiro e uma prostituta.

O barman praticamente correu para o bar depois que meu nome bateu no ar e deu a Abel um olhar severo. — Igreja. Agora!

— Está tudo bem, Bucky?

O velho rude estreitou os olhos. — A reunião deveria começar quinze minutos atrás, filho. Estarei lá em um segundo. Rich está procurando por você.

Outro garçom sem um patch deslizou atrás do bar e todos os motoqueiros entraram por uma porta na parte de trás do bar. Abel se foi rapidamente, sem o menor adeus.

O rapaz - que não devia ter muito mais de dezoito anos, a julgar pela barba irregular misturada à penugem suave - veio até mim. — Senhorita? Precisa de outro? — Ele apontou para a minha garrafa quase vazia e eu assenti.

Depois de tomar um gole do âmbar dos deuses, olhei para o cara que estava tocando em seu telefone. — Você conhece um bom motel por perto?



Ele sorriu, olhando por cima da tela. — Oh sim, temos uma quadra ao norte daqui, logo na estrada principal. Não pode perder.

— Ótimo, obrigada. Qual o seu nome? — Eu me senti tagarela, até entediada, e era ótima em conversa fiada. Pensei, por que não conversar com essa gracinha e esperar



obter alguns detalhes sobre Abel?

— Eu? Eu sou Holt.

— Oh merda, eu quase esqueci. — Tirei o porta cervejas da minha bolsa e coloquei na minha cerveja.

A sobrancelha de Holt levantou.

— O quê? Você não quer mãos frias ou cerveja quente.

— Sim. Eu acho que você está certa.

— Você é daqui, Holt? — Girei um longo cacho entre os dedos e olhei em seus olhos castanhos escuros.

— Nascido e criado. — Seu sotaque era espesso quando ele limpou o balcão com uma toalha molhada. — E você?

— Eu sou de alguns estados. A tentar escapar. — Eu bebi metade da minha cerveja.

— Correr nem sempre é uma coisa ruim. Vilas é uma boa cidade. Espero que você goste daqui.

— Quanto devo a você por isso?

Mordi o lábio devagar e vi as bochechas de Holt queimarem enquanto ele esfregava a parte de trás do pescoço e gaguejava um pouco. — Foi resolvido. — Ele levantou sua mão para me impedir de tirar minha carteira da bolsa. Levantei minha sobrancelha para ele. — Realmente?



Ele assentiu. — Abel me disse para colocar em sua conta. Então você está livre para ir.

Uau. Doce, misterioso e quente. Talvez



eu tenha que dar a esta cidade e a Abel um período experimental.

— Obrigada, Holt. Talvez eu te veja por aí. — Ele assentiu. — Espero que você descanse um pouco.

— Estou tão mal, hein?

Holt sorriu docemente enquanto balançava a cabeça. — Nah, você parece que está viajando há um tempo e precisa de um banho quente e uma cama.

— Bem, então eu pareço como me sinto. Aquele cara, Abel, ele está bem? — Eu deveria ter sido mais sutil, mas estava cansada e ficar enrolando parecia mais desgastante do que valia a pena.

— Sim, ele é um dos melhores caras que eu conheço. Pele dura, mas um maldito coração de ouro.

— Bom saber. — Bebi o resto da minha cerveja e joguei alguns dólares no bar. O doce sorriso de Holt se espalhou mais amplo quando os caras voltaram da sala dos fundos, ou do abismo, ou de onde quer que eles fugissem com tanta pressa. Para minha consternação, Abel não fazia parte do grupo que voltava aos seus assentos no bar. Acenei adeus a Holt e caminhei para a saída para finalmente conseguir o sono que eu precisava desesperadamente.





CAPÍTULO 2

Ao virar a esquina, vi a luz de vaga de neon brilhando acima da porta do escritório da frente do motel. O estacionamento de cascalho mal iluminado triturava sob os pneus do meu carro chorando. Estava na hora de colocar mais óleo na direção hidráulica, com certeza. Peguei a garrafa plástica de líquido da tábua do piso do lado do passageiro e resolvi o problema. Pelo menos havia algumas coisas que eu poderia fazer sob o capô do meu carro para fazê-lo funcionar em um nível um tanto decente. Crescer onde a maioria dos caras ao redor construía caminhões tinha suas vantagens de tempos em tempos.

Olhando em volta enquanto eu caminhava para o escritório, notei alguns carros espalhados pelo estacionamento, todos com placas de estado. Foi bom saber que outros moradores de fora da cidade paravam por aí. Não deveria ter feito diferença, mas me confortou saber que outros viajantes também se sentiam seguros o suficiente para bater ali.

A campainha tocou acima da minha cabeça quando entrei no pequeno escritório que cheirava a naftalina e pizza velha. Uma menina doce espiou de um livro escolar que estava pousado no balcão. — Ei senhorita. Procurando um quarto?



Eu assenti. — Claro que estou.

— Fumante ou não fumante?

Embora eu fosse fumante, o pensamento de fumaça de cigarro velho embutida nos travesseiros me fez querer atirar no local.



— Não fumante.

— Tudo certo. Eu só preciso de um cartão de crédito para ocupar o quarto. Quantas noites você será nossa hóspede?

Por não ter mais de treze anos, ela era muito articulada e educada. Fiquei bastante impressionada com ela.

— Não tenho certeza, na verdade. — Enfiei as mãos nos bolsos; parecia enervante como o inferno não ter nenhum plano.

— Mais de uma semana?

Dei de ombros. — Possivelmente.

— Temos promoções semanais, você economizará cinquenta dólares dessa maneira.

— Parece um bom plano para mim.

— Perfeito. — Ela apertou algumas teclas no dinossauro de um computador que estava na minha frente. — Se alguma coisa mudar, venha aqui e informe-nos. — Seus olhos gentis e sorriso doce acalmaram meus nervos crescentes quando ela me entregou uma chave com um chaveiro gigante de plástico vermelho com aparência horrível.



— Você está no primeiro andar, três portas à esquerda.

Entreguei a ela meu cartão de crédito e identidade.

— Está tudo certo Srta. Hayes. Tudo pronto.

— Obrigada. — Com um aceno rápido,



fui finalmente me deitar em uma cama para uma noite de sono muito necessária, mesmo que ainda fosse de tarde.



A luz que brilhava através da janela picou meus olhos cansados quando comecei a acordar, grogue. Eu não tinha ideia de que horas eu realmente tinha caído no dia anterior. Mal tive tempo de apagar as luzes antes de bater no travesseiro e desmaiar, quanto mais despir, tirar minha maquiagem ou olhar para o relógio.

Rolando, números vermelhos brilhantes soaram onze e quinze para mim quando meu estômago começou a roncar. Depois de me descolar do colchão com um travesseiro que parecia um paraíso irregular, vasculhei a mochila que continha minha vida até encontrar meu par favorito de jeans e uma blusa de ioga.

Olhei para a mancha vermelha brilhante no travesseiro do meu batom favorito e os pontos pretos do meu rímel. Felizmente, não era eu quem teria que lutar com essas manchas.



Em questão de minutos a torneira bombeava água fumegante para a banheira. Um bom banho de imersão parecia um sonho para o meu corpo cansado. A viagem não foi emocionante até que tudo bateu em mim quando eu afundei no fundo da banheira de porcelana. Eu estava livre. Eu estava finalmente ficando louca, e me senti mal com isso.



A imagem da minha mãe descobrindo que eu tinha sumido invadiu minha mente e rasgou meu coração. Mas quem eu estava enganando? Se ela ainda não tinha começado a explodir meu telefone, não fazia ideia. Ela provavelmente ainda estava em uma névoa de metanfetamina e bebida de outra farra de uma semana.

Logo antes de sair, eu poderia dizer que era para onde ela estava indo de qualquer maneira. Era o momento perfeito para fugir: eu estaria bem longe quando ela estivesse meio consciente de que isso não importaria.

— Critter! — Seu grito oco veio do quarto dos fundos.

Revirei os olhos para o apelido idiota dela para mim. Meu nome verdadeiro não era ruim o suficiente?

— Sim, mãe?

— Me traga uma porra de coca da geladeira.

Peguei a última lata de refrigerante no terreno árido que ela chamava de geladeira.

Apressadamente, abri a tampa e caminhei de volta para ela, onde estava deitada na cama, doente como um cachorro por mais uma dose.

— Aqui. Eu tenho que trabalhar.



Sua mão trêmula envolveu a lata enquanto seus olhos escuros e afundados me imploravam piedade. Ela não teve que perguntar; eu sabia o que precisava fazer.

— Sim. Eu acho que Vinnie está



trabalhando hoje à noite. Vou ver o que posso conseguir.

— Essa é minha garota. Obrigada, Crit.

— Volto tarde, no entanto. Tente dormir e não deixe ninguém vir com você doente assim. Não quero que este lugar seja roubado de novo.

Saí do meu torpor de passear pela terrível pista da memória quando o som da água espirrando ecoou no banheiro minúsculo. Olhando pela lateral da banheira, percebi que cerca de cinco centímetros de água estava começando a revestir os azulejos brancos.

Merda.

Eu me joguei para a torneira, fechei a água e afundei de volta para relaxar e deixar meus dedos das mãos e pés ficarem enrugados. Eu não conseguia me lembrar da última vez que tive tempo de relaxar assim. O silêncio e a tranquilidade eram quase perturbadores. Estava muito longe dos vizinhos xingando e brigando e minha mãe gritando comigo ou gemendo no ouvido de John o tempo todo.

Boa sorte para toda essa merda.

Entrando no meu estômago rugindo, eu drenei a água e me vesti. Coloquei toalhas no chão do meu banheiro molhado para absorver a água que havia derramado.



Fui até a Waffle House mais próxima que o GPS do meu telefone encontrou. Felizmente, estava na estrada e eu tinha um desejo por algo gorduroso e um copo de café. Rapidamente peguei algumas



torradas barradas, prensadas, cobertas e cortadas com dois ovos mal passados ao lado e tentei pensar sobre qual seria meu próximo passo.

Não ter um plano era ao mesmo tempo libertador e frustrante. Eu sabia que o dinheiro que eu tinha iria embora mais rápido do que eu podia admitir para mim mesma. Verifiquei a seção de classificados quanto a empregos, enquanto tomava café. Eu não estava realmente preparada para ser uma tratadora, e não achava que houvesse um clube de strip em Vilas.

Enquanto me levantava para pagar minha conta, Holt e o barman mais velho entraram pela porta da frente. Holt caminhou até mim com um sorriso doce no rosto.

— É bom ver que você não deixou nossa pequena cidade ainda. Pensando em ficar por aqui? — Ele cuspiu em um copo descartável e eu pude sentir o cheiro da mastigação verde que estava no seu lábio inferior.

Eu levantei o papel e dei de ombros. — Uma garota tem que comer e não há empregos aqui para mim, ao que parece.

— Hey Bucky, não estamos ainda procurando um barman diurno?

Ele assentiu. — Sim, aquela que Abel contratou na semana passada me deixou na segunda-feira à noite.



— Bem, agora você já tem. Eu vou falar com Abel sobre isso. Venha daqui a algumas horas e nós vamos arrumar tudo.

E de repente eu tinha um emprego em uma cidade que eu nem tinha certeza de que iria ficar. Pelo menos eu sabia que seria



capaz de manter um teto sobre minha cabeça e, esperançosamente, financiar outro movimento, se nada mais desse certo.





CAPÍTULO 3

Depois de voltar para o motel, me certificar de que minha maquiagem estava perfeita e trocar de roupa pelo menos dez vezes, fui ao bar para ver se Holt havia conseguido convencer Abel a me contratar.

— Ei, Crickett, — Holt me chamou de trás do bar. — Abel deve estar aqui a qualquer momento. Acabei de falar com ele.

— Sim? Como foi?

Holt estava contando a gaveta do registro. Ele olhou por cima de um maço de cigarros. — Eu acho que ele está interessado.

— Parece bom. — Sentei-me no bar, jogando minha bolsa no balcão com um grande baque.

Holt olhou para minha bolsa por um segundo. — Você tem pedras lá dentro ou algo assim?

Eu ri um pouco — Nunca viu uma garota com uma bagagem escondida antes?

— Sim, mas nenhuma que parecia com você.



Senti minhas bochechas queimarem quando a porta da frente se abriu. A grande estrutura de Abel ocupava a maior parte da porta. Meu coração batia forte nos ouvidos, minhas mãos começaram a suar e, de repente, estava sufocante no bar úmido.

— Então Holt aqui diz que você está procurando emprego? — Abel sentou-se ao



meu lado; o cheiro almiscarado de sua colônia e seu olhar azul profundo eram muito perturbadores.

Eu me atrapalhei com as palavras. — Sim, acho que eu darei uma chance a esta pequena cidade. Quem sabe? Talvez eu acabe gostando daqui.

— Quando você pode começar?

— Agora.

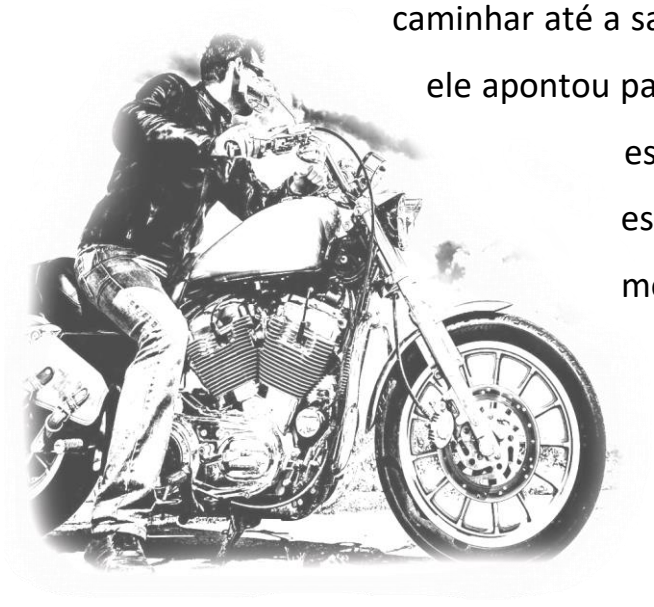
Ele sorriu. — Você já trabalhou em um bar antes?

Eu ri um pouco. Eu meio que tinha, mas estava dançando, não servindo as bebidas. — Algo parecido.

Eu pisquei e vi sua mente tentar entender isso. — Acho que isso é bom o suficiente para mim. Holt pode começar a treinar você agora, se isso funcionar para você.

Pulei do banquinho e não pensei duas vezes em ir atrás do bar para deixar Holt começar a me mostrar.

— Droga, um de vocês não vai perguntar se seu chefe quer uma cerveja? — Abel meio que sorriu para mim quando Holt jogou uma garrafa sobre ele da barra de gelo na nossa frente. Abrindo a garrafa, Abel levantou-se e começou a caminhar até a sala dos fundos. — É mais assim. E Crickett, — ele apontou para mim com a tampa da garrafa — essa área está fora dos limites para qualquer um que não esteja usando um patch maldito como o meu. Entendeu?



Eu assenti.



Seus lábios se curvaram sob os anéis de prata quando ele abriu a porta. — Bom.



Depois de alguns dias trabalhando no bar, comecei a conhecer a maioria dos caras: quais pareciam bons, quais eram flertes bêbados, quais tratavam os outros como sujeira. Era quase como se despir, além do fato de que os caras tinham que usar sua imaginação para saber como eram minhas curvas, em vez de apenas tentar me subornar para ficar completamente nua durante uma dança de colo. Em suma, foi uma mudança bem-vinda de ritmo.

Apenas algumas mulheres passavam com seus homens de vez em quando. A maioria delas simplesmente me ignorou ou era tão irritante que eu não dei a hora do dia. A única mulher que eu remotamente tinha interesse em falar era Ronda, a bartender a tempo parcial da noite que só entrava em noites que ela sentia vontade, ou quando Abel a chamava quando Holt ou Rich estavam muito chateados para pensar direito.

Ela era alta e magra, agradável como poderia ser, com uma boca como um marinheiro. Fora isso, eu não tinha contato feminino, o que eu realmente preferia. As mulheres criavam drama e problemas e eu queria ficar o mais humanamente distante possível de ambas as coisas.



Enquanto limpava um monte de copos sujos no bar, ouvi Abel conversando com um dos membros mais velhos do clube. —



Rave terá ido para lidar com tudo por mais alguns dias. Espero que dê tudo certo.

— Claro que sim. Rave tem um jeito com esses caras no Arkansas. — Ouvindo o nome Rave e meu estado natal na mesma frase enviou arrepios pelos meus braços. Eu não tinha ideia se era apenas uma coincidência; provavelmente era. *Certo?* Eu não conseguia imaginar meu pai fazendo parte de uma quadrilha de motociclistas, mas quem diabos era eu para julgar de qualquer maneira? Eu mal lembrava dele, muito menos o conhecia. Ele poderia estar sentado naquele mesmo bar e eu não teria ideia.

— Crickett? — Abel acenou com a mão na minha frente. — Crickett, você está bem, querida?

Eu sacudi de meu torpor de tentar imaginar o rosto do meu velho novamente. Isso me assustou tanto quanto era difícil lembrar de suas características físicas.

— Sim. — Eu sorri e estiquei minhas costas. — Precisa de outro uísque? — Apontei para o copo vazio na frente dele.

Ele balançou sua cabeça. — Temos que sair daqui. Não demorará muito. — Ele e o cara mais velho se levantaram com alguns dos outros homens sentados no bar. Todos tiraram dinheiro de suas carteiras, pagaram e continuaram caminho.



— Você vai ficar bem aqui por algumas horas? Preciso cuidar de outras coisas um pouco.

Holt começou a limpar o balcão e jogar as garrafas vazias de cerveja no lixo.



— Sim. Certo. Eu vou ficar bem.

— Volto mais tarde para terminar o turno da noite, para que você não precise trabalhar mais duas vezes.

Dei de ombros. — Não posso reclamar do dinheiro. Faça o que você precisa fazer.

Meu turno foi bem monótono. Alguns dos frequentadores entraram e saíram, mas não houve nada de especial até que um grupo de rapazes entrou. Eles pareciam ser alguns anos mais velhos que eu e estavam completamente fora de lugar com seu ar bagunçado mas elaborado. Seus cabelos e roupas eram como um caos controlado.

Os cinco sentaram-se à minha frente no bar vazio. — O que vocês vão querer?

— Vocês têm PBR?[2]

Eles eram todos tatuados e incrivelmente bonitos, com um sotaque que eu não conseguia identificar.

Eu assenti. — Cinco PBRs chegando, meninos.

Depois de pousar a cerveja, a curiosidade tomou conta de mim. — Então, o que traz vocês a esta parte da floresta?



O cara do outro lado, que tinha um moicano e tatuagens no crânio, levantou os olhos ao tirar o rótulo da garrafa. — Estamos em uma banda. Tocando em um show amanhã à noite na estrada.

[2] Pabst Blue Ribbon é uma cerveja americana.



— Vocês são famosos ou algo assim?

O cara ao lado dele, que tinha um rosto doce e sedutor, sorriu. — Eu acho que você poderia dizer isso.

— Então, com qual banda vocês estão?

O cara de crânio tatuado entrou na conversa novamente. — Nós somos os The Hysterics. Eu sou Maverick, aqui são Colt, Dane e Rodney. E aquele cara no final é Quints, nosso chefe roadie. Estamos tocando um concerto no App State.

Os caras começaram a conversar entre si quando a porta da frente se abriu. Abel entrou com Holt e alguns outros membros logo atrás. Holt voltou para trás do bar e o resto foi para as mesas de bilhar.

— Você está bem? — Holt se inclinou sobre o meu caminho, pegando cervejas para trazer para o grupo de Abel.

— Sim. Vá sair um pouco, se quiser. Esteve morto o dia todo. Vou ficar mais um pouco.

Ele olhou para os cinco caras. — Tem certeza?

Holt tinha uma preocupação que eu não tinha visto antes. Ele era geralmente quieto, mas doce, não nervoso e protetor.



Eu assenti. — Sim. Agora saia daqui antes de diminuir minha gorjeta. — Bati meus cílios dramaticamente e empurrei o ombro de Holt. Pelo canto do olho, pensei ter visto a mandíbula de Abel girando enquanto seus olhos perfuravam Holt, mas quando meu olhar se encontrou com o



dele, Abel estava piscando para mim, exibindo seu sorriso assassino.

Joelhos fracos.

Coração batendo.

Partes de menina implorando que eu o derrubasse naquela mesa de bilhar.

Depois de cerca de uma hora conversando com os membros da banda e roadie e pegando Abel olhando para mim cada vez mais, o lado glamour de mim decidiu assumir. Parte de mim queria ver o quanto eu podia deixar Abel com ciúmes e a outra parte estava simplesmente entediada.

— Algum de vocês, meninos, tem um cigarro que eu possa fumar?

Quints, o menos bonito de todos, saiu fora do banco e tirou do bolso da frente um maço de Marlboro. — Se importa se eu me juntar a você?

Eu balancei minha cabeça, andando pelo bar em direção à porta. — A companhia é bem-vinda. — Eu me virei para gritar para Holt. — Vou fumar um cigarro rapidamente. Olha o bar?

Holt assentiu e Quints e eu estávamos do lado de fora com cigarros acesos em segundos.



— Então, como uma garota como você trabalha em um bar como esse? Você não deveria ser modelo ou algo assim?

Fale sobre bajular em linha reta.

Eu forcei uma risadinha glamourosa, girando meu cabelo enquanto soltava uma



nuvem de fumaça branca, certificando-me de que estava parada na janela em vista direta de Abel, que deliberadamente não estava olhando para o nosso lado. — Eu sou nova por aqui. Tenho que pagar as contas de alguma forma.

Ele cinzelou e o vento bateu direto no fundo da minha camisa. — Oh, merda, desculpe. — Ele começou a limpar a cinza de mim, dando um passo mais perto - muito mais perto do que eu gostaria que ele fizesse, mas eu estava meio que flertando, quem poderia culpá-lo por tentar fazer uma jogada?

Eu ri novamente. — Não é nada realmente.

— Sou tão idiota.

Ele deu um passo mais perto. Eu podia sentir o cheiro da cerveja em seu hálito.

Nojo.

— Você deveria ir ao show amanhã à noite. Poderia sair nos bastidores comigo. — Ele se inclinou um pouco mais para perto. Os joelhos na virilha passou pela minha cabeça se ele tentasse me tocar de novo.

Dei um passo para trás, colidindo contra a parede de tijolos ao lado da janela. Sua mão pousou no meu quadril e eu estava pronta para dar um giro. Naquele momento, Abel atravessou a porta como um morcego do inferno, o fogo brilhando em seus olhos.



Ele pisou e sem dizer uma palavra, seu punho pousou na mandíbula de Quints.



Eu suspirei. — Abel, que diabos? — Eu o empurrei. — Movimento errado.

Seus olhos se estreitaram quando ele olhou para mim. — Este imbecil bêbado não vai dar em cima de você no meu bar.

Quints se curvou um pouco e Abel rosnou. — Faça algo sobre isso, punk. Eu te desafio, porra.

Eu assisti quando a mandíbula de Abel se flexionou e os punhos de Quints se apertaram enquanto ele ficou lá em silêncio como um pequeno idiota.

Coloquei minha mão no peito de Quints. — Vamos colocar um pouco de gelo nisso antes que inche. Abel aqui precisa aprender algumas malditas maneiras.

Eu tinha que pelo menos brincar de chateada, mesmo agradecendo silenciosamente a Abel por me impedir de ter que ser a única a me defender. Eu sabia que tinha trazido isso para mim mesma, mas uma garota não pode fumar com um cara sem ele tentar entrar em suas calças?

Antes que eu pudesse dar um passo, a mão de Abel estava no meu braço. — Você, — ele apontou para Quints, — pegue seus malditos amigos e dê o fora daqui. — Ele se virou para mim. — Eu preciso de um momento a sós com minha *empregada.* — Ele rosnou quando seu aperto ficou um pouco mais apertado do que o necessário.



Eu estava pronta para começar a gritar. Quem diabos ele pensava que era, fazendo uma proeza desse jeito? Ele não era meu dono.

Quints praticamente correu para o



bar, exatamente quando eu estava começando a elevar minha voz ao meu chefe arrogante que nunca tinha sido mais atraente para mim do que naquele momento.

— Abel! O que em nome de Deus você pensa que está fazendo?

Ele me virou e me pressionou contra a parede, prendendo-me entre seu peito sólido e os tijolos.

Sua voz era baixa enquanto seu hálito quente dançava no meu pescoço. — Acho que esse cara não era bom e eu estava protegendo o que é meu.

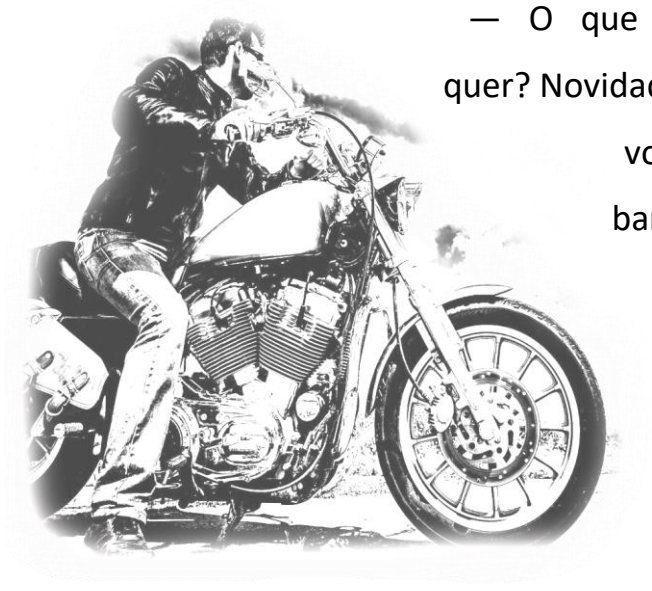
— Você não me possui, Abel.

— Vamos ver isso, querida. Eu consigo o que quero.

Se ele soubesse que poderia me ter antes de fazer um golpe como esse. Além dos olhares rápidos e dos breves comentários, ele nunca demonstrou interesse em entrar nas minhas calças.

Bem, isso evoluiu rapidamente.

Mesmo que eu estivesse chateada, meu coração disparou e o desejo que ele me levasse para lá correu por minhas veias.



— O que você está dizendo, Abel? Que você me quer? Novidade, você deve informar as pessoas quando você as quiser, não encará-las do outro lado do bar e nunca falar com elas.

Seus lábios ficaram a um centímetro dos meus. Eu me preparei para um beijo



que nunca veio. Se eu fosse um cara, teria bolas azuis. Eu definitivamente tinha equivalente quando meu clitóris latejante implorava para que ele me pressionasse mais contra essa parede.

— Todo mundo pode dizer, Crickett. Não se trata apenas de manter a boca fechada. Eles podem ver tudo no meu rosto e no seu. Você é minha. E é isso.

— Mantendo a boca fechada sobre o quê? Abel, você está com alguma merda ou algo assim?

A porta ao nosso lado se abriu quando os cinco caras quase correram para fora do bar, irritados e gritando com o roadie por ser um idiota e levá-los para fora de outro bar.

Maverick acenou para nós. — Desculpe o incômodo. Ele é um idiota. — Todos entraram em um carro alugado antes que Abel pudesse começar a gritar. Eu acho que músicos não são realmente tipos durões, não querem quebrar a mão antes de um show. Isso realmente seria péssimo, com certeza.

Holt os seguiu com um olhar preocupado no rosto. — Abel. Eles precisam de você lá dentro. Agora.

Mulher com bolas azuis, com certeza.



— Nós terminaremos isso mais tarde. — Abel correu para o bar atrás de Holt e desapareceu no abismo.

Com o bar vazio e meus nervos bastante agitados, eu encerrei a noite. Peguei minha bolsa, tirei minhas gorjetas da jarra e decidi



ir para o meu quarto de motel acolhedor. Meu vibrador estava inegavelmente aparecendo naquela noite.





CAPÍTULO 4

Virei a chave no meu calhambeque de um Camaro e... nada.

Ruído.

Clique.

Ruído.

Clique.

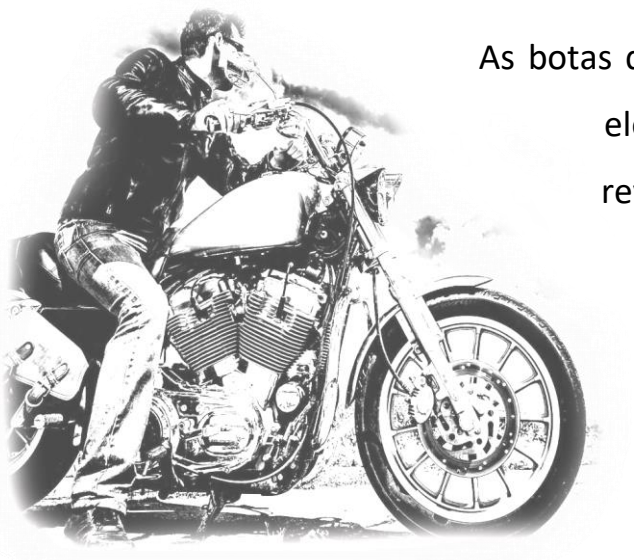
Maldito inferno.

Abri o capô e me inclinei no motor, rezando para ver uma válvula solta ou um milagre acontecer. Eu sabia no fundo que não havia merda que eu pudesse fazer para consertar isso. Eu provavelmente estava olhando para o motor de arranque ou algo frustrantemente caro para consertar.

— Ei, você precisa de ajuda? — Olhando por cima do ombro, vi o corpo alto de Abel vindo de sua motocicleta.

Revirei os olhos e me inclinei sobre o meu motor. — O que você tem com isso?

— Ei, o que há com essa atitude?



As botas de Abel trituravam o cascalho à medida que ele se aproximava; meu estômago deu um nó e revirou.

O que diabos está acontecendo comigo?

Eu me virei e olhei para ele com uma



sobrancelha franzida. — Seu incrível golpe de idiota na noite passada toca uma campainha?

Ele soltou uma risada profunda e gutural. — Eu estava bêbado e vi uma garota bonita sendo atropelada por um hipster. Você pode me culpar por estar com um pouco de inveja?

— Você estava totalmente fora de linha.

— Então você quer ajuda com isso ou não?

Suspirei. Eu estava perdida. — Sim. Acho que sim. — Eu gemi, apoiando-me no para-choque dianteiro.

— Pelo que vale, desculpe pela noite passada. — Sua mão pousou no meu ombro por um momento fugaz e meu coração acelerou.

Respire fundo.

Fundo.

Lento.

Como ele continua fazendo isso comigo?

— Obrigada.

— Então, o que está acontecendo aqui?



Eu balancei a cabeça para o meu motor quebrado, irritante, como uma merda de pedaço de cachorro. — Ele está pronta para chutar o balde.

Ele esfregou a parte de trás do pescoço enquanto se inclinava sobre o motor. — Se



importa se eu der uma olhada?

Antes que eu pudesse responder, ele estava debaixo do meu capô, cutucando e olhando em volta.

— Ele está me dando alguns problemas no início e esta manhã está apenas clicando.

— Hmmm. — Ele limpou o rosto com a manga de flanela enquanto se erguia. — Tente ligá-lo?

Seus azuis escuros me sufocaram quando penetraram nos meus por um segundo. — C… certo.

Mesmo que eu ainda quisesse ficar chateada sobre como ele agiu na noite anterior, não pude deixar de me sentir lisonjeada. Claro que eu gostei de caras no passado, achei atraente, mas eu sempre fui o tipo de garota que pega e deixa, sem nunca ficar tempo suficiente para se machucar ou formar sentimentos reais. Isso parecia diferente. Parecia real. Havia uma faísca acesa no dia em que entrei no bar dos Unacceptables e estava ardendo em um incêndio que senti o controle de escapar do meu alcance.

Mergulhei no banco do motorista e virei a chave.

Clique.



Apenas isso.

— Novamente! — Ele gritou ao redor do capô estourado.

Clique.

— Tudo bem.



Abel deu a volta até à porta aberta e se apoiou nela. — Tenho certeza de que você precisará de um novo motor de arranque. Podemos tentar dar um empurrão inicial, para quebrar o galho, mas realmente não acho que essa seja a resposta para seus problemas.

— Foda-se, — eu sussurrei para mim mesma. — Isso vai custar muito mais do que posso pagar agora.

— Não precisa. — Seus lábios ergueram-se nos cantos antes de continuar: — Eu posso cuidar disso para você.

Eu pulei do meu carro no banco do motorista. — Sim? Realmente? — Ele balançou a cabeça, seu sorriso crescendo, mostrando suas perfeitamentes barbeadas características faciais.

Porra, ele é mais quente que um pântano no Mississippi em agosto.

— Você não acha que esse bar é a única coisa que eu cuido? — Dei de ombros.

— Você nunca mencionou nada antes.

— Bem, querida, eu dirijo uma garagem a alguns quilômetros daqui. Que tal você me deixar levá-la para o café da manhã enquanto um dos meus caras chega e leva isso para a garagem?



Minha reação original foi correr, pensando que esse cara era bom demais para ser verdade. Ele certamente tinha que ser um assassino em série ou algo assim, mas malditos olhos, seu sorriso, os músculos aos quais sua camisa de flanela cinza se agarrava tão



perfeitamente sob seu patch.

Mesmo que ele fosse meu chefe por quase uma semana, eu mal o conhecia. Seu tempo no bar foi fugaz e, naquele momento, me vi fazendo algo que nunca havia feito antes: receber ajuda de um estranho - um belo estranho e meu chefe, mas mesmo assim um maldito estranho.

— Está bem.

— Deixe-me fazer uma ligação. Deixe as chaves nele. Meus caras chegarão rápido para conseguir isso para você.

— Isso é muito gentil da sua parte, Abel.

— Não mencione isso, Crickett. — Ele riu depois de dizer meu nome, o que era mais comum do que eu gostaria de admitir.

— Não seja mau, — eu esperei enquanto ele andava enquanto falava com alguém de sua garagem, acendendo um cigarro.

— Não. Estou lhe dizendo o que você vai fazer. — A fumaça escapou por suas narinas dilatadas enquanto ele rosnava para o telefone. — Venha aqui com Lou e pegue o carro dela agora. Não depois de tomar seu maldito café da manhã ou tomar sua merda da manhã. Certo, porra agora. Você esquece para quem trabalha?



A voz de Abel era tão rouca e severa enquanto ele falava com quem quer que estivesse ao telefone; fiquei meio surpresa.

Quando a ligação terminou, fui até Abel. — Sabe, se isso é algum problema, eu posso descobrir alguma coisa.



— Realmente, você poderia? — Sua voz ainda era severa quando ele enfiou o celular no bolso, jogando o cigarro meio apagado no cascalho e esmagando-o com a bota. Ele limpou a garganta antes de continuar, esfriando um pouco o tom. — Isso não é problema, Holt estava apenas sendo um pouco idiota. Às vezes você tem que colocar os jovens no lugar deles.

— Holt? Ele trabalha na sua garagem também?

— Sim, ele trabalha com você e está aprendendo na minha garagem. Bom garoto, só precisa de direção.

— Ah Merda. Meu turno. — Isso me escapou da mente; toda a razão pela qual eu estava tentando dar partida no meu carro era pegar algumas compras antes de chegar ao bar ao meio-dia.

Abel colocou a mão no meu ombro. — Vou fazer uma ligação.

Ele deu alguns passos para longe de mim. — Holt. Mudança de planos. Diga a Lou para levar um cara com ele até o carro de Crickett. Você está fazendo o dia dela hoje.

Abel voltou e deu um sorriso triunfante assassino. — Feito. Agora vamos comer. Estou faminto.



Olhei para a motocicleta dele nervosamente; eu nunca tinha montado em uma antes. Aparentemente, estava escrito no meu rosto. — Já esteve em uma dessas antes?

Eu balancei minha cabeça.

— Será divertido, então. — Ele pegou um segundo capacete no compartimento



traseiro. — Aqui. — Ele o entregou para mim. — Vou seguir primeiro e depois ajudá-la, ok?

Eu assenti. Santo inferno, eu estava nervosa. Primeira semana em que eu realmente estava sozinha e meu carro estava quebrado e eu estava prestes a passar a manhã com um membro de uma gangue de motociclistas para quem eu trabalhava. Quando saí de casa, não era isso que eu imaginava.

O que diabos está acontecendo?

— Coloque seus braços em volta de mim. Segure firme.

— Bem, você não precisa me dizer duas vezes. — Eu ri nervosamente, jogando meus braços em torno de sua cintura o mais rápido que pude.

— Não fique nervosa.

Dos meus ombros até os dedos dos pés, eu estava tensa. *Como na terra verde de Deus ele espera que eu não fique nervosa?*

Abel puxou minhas mãos mais ao redor dele até que meus dedos estavam travando, depois descansou a mão dele nas minhas por um segundo. — Confie em mim.

Ele saiu do estacionamento onde deixei meu carro, as chaves na ignição, e estávamos a caminho da estrada em direção a um destino desconhecido. Embora eu estivesse bem nervosa, completamente fora da minha zona de conforto, essa merda era bem emocionante. Eu sabia que era hora de eu estar tão livre e o vento chicoteando pelos meus cabelos





enquanto meus braços estavam em volta do corpo de Abel, como Adonis, me fazia sentir muito mais livre.

Paramos no estacionamento de um prédio com aparência de lata com uma placa de neon piscando: Comida 24 horas.

Abel me ajudou a descer da motocicleta. — Eles têm os melhores ovos da cidade.

Meus joelhos estavam trêmulos e eu quase caí, tropeçando no lado de Abel e praticamente tropeçando em nós dois.

— Ei, eu peguei você. — Ele passou o braço em volta de mim. — Isso acontece muito quando as pessoas andam de motocicleta pela primeira vez. Para os ovos! — ele exclamou enquanto subíamos os degraus da porta da frente.

— Obrigada. — Não pude evitar o sorriso largo que tomou conta de todo o meu rosto. A situação toda estava me deixando mais feliz do que deveria. Eu deveria ter ficado chateada com o meu carro e na noite anterior, mas na verdade estava animada por passar um tempo com meu lindo estranho.

Sentamos em uma cabine e comecei a olhar o menu, mas Abel rapidamente tirou de mim.



— Ei! — Agarrei-o, mas ele o pegou fora do meu alcance. — Deixe-me pedir para você. Confie em mim.

— Lá vai você com essa merda de 'confie em mim' novamente. Você esqueceu que eu nem te conheço? Ou que seu pau me



bloqueou ontem à noite?

— Pau bloqueado? Mesmo? Você teria dormido com aquele babaca? — Ele estreitou os olhos, cruzando os braços sobre o peito.

Dei de ombros. — Provavelmente não, mas teria sido bom tomar minha própria decisão sobre isso, em vez de ser jogada na parede pelo meu chefe, com quem eu mal tive uma conversa completa, e depois ser informada de que ele tem isso em mente, algum tipo de reivindicação sobre mim.

— Bem, se você não sentiu a conexão ainda, eu darei um tempo. Vamos começar com o básico e nos *conhecermos*.

A garçonete trouxe dois cafés e nos perguntou se sabíamos o que queríamos comer. Abel olhou para mim e acenei com a mão. — Eu terei o que ele sugerir.

— Dois batidos de menta com chocolate e omeletes do sudoeste, June. Obrigado.

— É para já, Abel.

Com um sorriso caloroso, June foi para a cozinha. — Vem muito aqui?

Agitando o açúcar do grande cilindro transparente em seu café, ele assentiu. — Minha mãe trabalhava aqui quando eu era criança, então eu passei muito tempo aqui neste estande.



Peguei o açúcar dele e limpei minha garganta. — Então, você estava prestes a me contar sobre você.

— Hmm. — Ele assentiu com café na



boca. Engoliu rapidamente e depois mergulhou. — Eu sou daqui. Sou filho uníco. Minha cor favorita é verde. Eu amo menta, e é por isso que eles têm um batido de menta com chocolate aqui. Sua vez.

Eu respirei fundo, me perguntando o quão profundo da minha situação eu deveria falar. — Bem, vamos ver. Minha cor favorita é azul, todos os tipos de azul. Não sei qual é a cor natural do meu cabelo, porque tenho tingido desde os doze anos. Eu amo chocolate e menta juntos, por isso estou muito feliz por experimentar este incrível batido.

June voltou com dois enormes copos de chocolate. — As omeletes estarão prontas em breve.

— Obrigada. — Eu sorri enquanto olhava o grande batido na minha frente. Era uma refeição por si só; eu deveria ter recusado a omelete com certeza.

Abel estava sentado ali, olhando. — Você vai beber o seu? — Eu ri um pouco enquanto colocava um canudo no meu.

— Estou esperando para ver o que você acha.

Seus profundos olhos do oceano eram de tirar o fôlego. Eu amei sentar lá; tornou perfeitamente adequado encará-los.



— Bem, agora ou nunca.

Tomei um gole e foi como um orgasmo na minha boca. Eu até gemi. Em voz alta.

Minhas bochechas queimavam quando olhei para Abel. — Eu te disse.



Eu sorri, limpando minha boca. — Isso pode ser melhor que sexo.

— Querida, se você acha que isso é melhor do que sexo, você esteve fodendo os caras errados.

— Eu provavelmente estive e houve tão poucos que provavelmente não sou uma juiza muito boa. — Eu ri. — Não acredito que acabei de lhe dizer isso.

Ele encolheu os ombros. — Não somos mais estranhos.

— Não, acho que não somos.

— Então de onde você é, Crickett?

Engoli em seco novamente. Falar sobre o meu passado era horrível, mas eu sabia que precisava superar isso. Estava em uma cidade pequena, onde as pessoas faziam perguntas e realmente queriam saber as respostas. Os lindos olhos de Abel estavam fixos nos meus enquanto seus lábios se curvavam em torno do final do canudo de seu shake. Estávamos tendo uma conversa leve, ele só queria me conhecer; eu odiava o medo de mencionar a merda de onde tinha saído apenas alguns dias atrás.

Respire fundo.

Sorria.



Finja que você não tem medo de deixar as palavras caírem no ar. — Arkansas.

Seus olhos se arregalaram quando a distância da minha jornada se afundou. — O que trouxe você até aqui?

— Eu precisava de uma mudança de



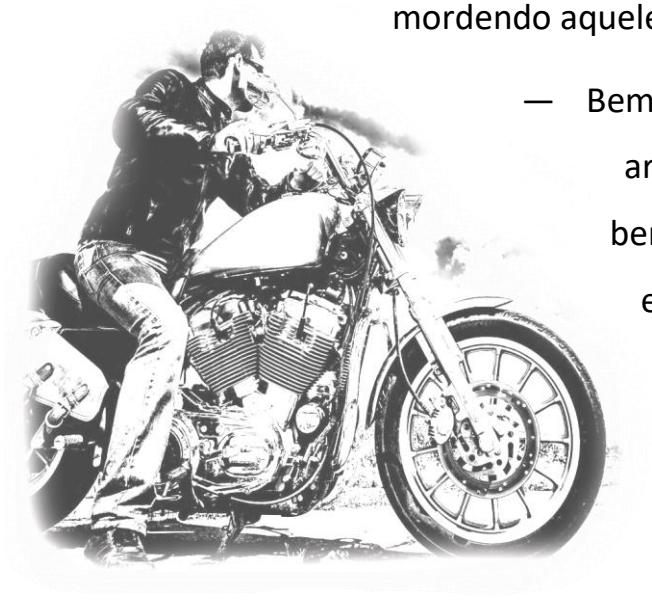
cenário, eu acho. Não havia nada de bom saindo daquele lugar para mim, então eu iria apodrecer como o resto deles ou iria sair do inferno.

Ele lambeu os lábios lentamente, pegando uma mancha de chocolate ao lado de seu piercing. — Bem, eu estou feliz que você tenha tropeçado em nossa pequena cidade para começar de novo.

— Sim? Por quê?

— Porque isso significa que eu assisto a lagarta se transformar em borboleta. — Ele apontou para minha clavícula, onde uma borboleta roxa brilhante foi tatuada em minha pele. — Não se preocupe. Eu não sou tão idiota o tempo todo.

Com uma piscadela, ele puxou seu batido enquanto nossas refeições eram colocadas sobre a mesa. O resto do café da manhã continuou com uma conversa leve enquanto eu pegava a enorme omelete que era como outro orgasmo na minha boca. Eu definitivamente poderia me acostumar com a qualidade da comida nessa cidade. Para dizer o mínimo, eu surtei por nada. Abel era descontraído e doce, com um lado profundo e áspero que fazia meu coração palpitar e deixava minha calcinha molhada toda vez que seu profundo sotaque se escondia sobre uma insinuação sexual seguida por ele mordendo aqueles anéis sensuais como o inferno.



— Bem, seu carro precisa de um motor de arranque. Eu esperava estar errado, mas tudo bem, isso será resolvido. — Abel suspirou enquanto colocava o telefone de volta no bolso da calça jeans. — Você tinha outros planos além do trabalho para hoje?



Eu balanço minha cabeça, sentando-me na traseira de sua motocicleta.

— Bom, porque ele não estará pronto até de manhã. Um dos meus rapazes tem que correr para pegar uma parte e provavelmente vou nessa noite para ter certeza de que ele está bem.

— Sinto-me mal por estar causando todo esse problema. — Eu descansei minha cabeça no ombro de Abel, um movimento íntimo demais para alguém que eu acabei de conhecer, mas caramba, eu estava atraída por ele.

— Quer ficar comigo um pouco? Eu só tenho que pegar Raine da escola em algumas horas, mas posso lhe mostrar a cidade, talvez convencê-la a ficar por aqui enquanto tenta encontrar o que acha que está perdendo em sua vida.

— Raine? — Eu perguntei quando Abel guiou meus braços em torno de seu meio.

Eu podia senti-lo respirar fundo antes de responder: — Minha filha.



Depois que Abel me mostrou a cidadezinha de Vilas, bancando o guia turístico na frente de sua motocicleta, seguimos por uma longa estrada de cascalho ao lado de uma montanha.



— Onde você está me levando agora?

Lentamente, estacionamos numa entrada para uma grande casa de fazenda de dois andares sem um vizinho à vista. Abel bateu



no suporte e me deixou descer da motocicleta.

— Temos que trazer Raine aqui em alguns minutos, então eu precisava parar e pegar minha caminhonete.

Me surpreendeu que ele quisesse que eu fosse com ele buscar a filha na escola. — Abel, você pode me levar de volta ao motel. Você não precisa...

Ele levantou a mão, me cortando enquanto balançava a cabeça. — Você vai amá-la e ela vai gostar de estar perto de outra garota pela primeira vez.

Eu podia sentir a curiosidade começando a tirar o melhor de mim sobre por que a mãe de Raine não estava na cena e por que não havia um anel no dedo desse homem lindo, mas eu o deixei em paz. Se ele quisesse que eu soubesse o que aconteceu com ela, ele me diria.

Ele agarrou minha mão e um calafrio correu da ponta dos meus dedos até minha boceta, que imediatamente acordou e implorou para dizer um olá muito íntimo para Abel. Ele me levou para um novo Ford F250 levantado e minha calcinha encharcou no local.

— Esse é um carro lindo. — Corei quando sua mão ficou mais apertada. — Gosta de carros, não é Crickett?

Mordi o lábio e assenti. Não havia nenhuma maneira no inferno que esse cara pudesse ficar mais sexy.



Os olhos.

Os piercings no lábio.

A manga de tatuagens que cobria seus músculos duros.



O lento e profundo arrastar.

A motocicleta, as botas, o carro. O lado macio que existia atrás de seu exterior duro.

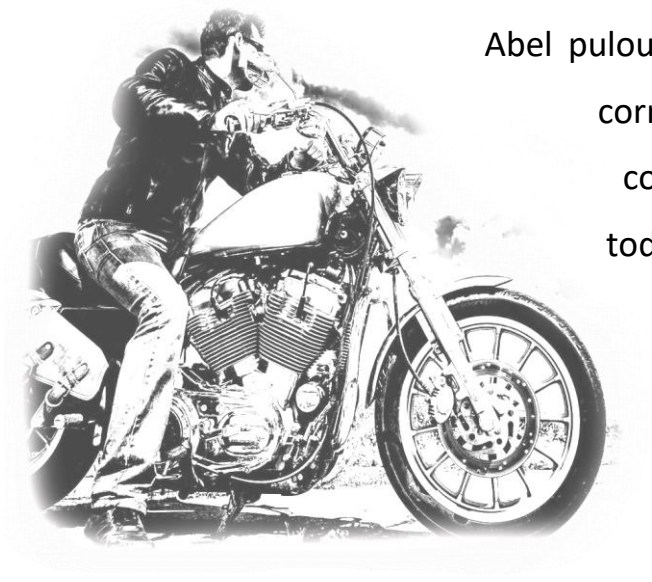
Eu estava totalmente apaixonada de uma só vez, quando nossos lábios se tocaram quando ele me pressionou contra a tinta branca brilhante de seu Ford. Seus dedos agarraram meus quadris quando um gemido baixo escapou da minha garganta. Lentamente, nossas línguas se encontraram quando seus lábios macios separaram os meus. No final, eu estava praticamente ofegando pela respiração que ele havia tirado de mim.

Suspirei, inclinando-me em seu peito enquanto ele descansava o queixo no topo da minha cabeça. — Há algo tão perfeito em você, Crickett.

Eu me afastei dele, encarando seu olhar ardente do oceano. — Você nem me conhece.

— Eu nunca quis nada mais do que conhecer você. — Ele beijou minha testa. — Vamos lá. Não quero deixar Raine esperando.

Entramos no carro e em poucos minutos estávamos entrando na fila da escola primária. Uma pequena bola loira de energia correu para o caminhão, uma vez que chamou sua atenção. Ela enfiou uma flor que acabava de pegar em sua mochila rosa brilhante.



Abel pulou do banco do motorista, pegando a garota correndo em seus braços grandes. Ele a engoliu com força em seu peito, colocando beijos por todo o rosto dela. Depois que ele a colocou no banco de trás, ele apontou para mim.

— Raine, eu quero que você conheça



uma nova amiga minha.

Ela acenou e saltou na cadeira. — Oi! Qual o seu nome?

Acenei, segurando a vertigem que flutuava no meu peito depois de assistir um cara tão duro derreter em uma poça de sentimentos piegas e amor quando sua filha estava em seus braços.

— É muito bom conhecer você Raine, eu sou Crickett.

Ela riu. — Eu gosto desse nome.

— Sim? Obrigada. Também gosto muito do seu.

— Quer ver a senhorita Gilda? — Ela cantou enquanto cavava através da mochila.

— Claro.

Vitoriosa, levantou um patinho de borracha com aparência de unicórnio, com uma cauda e crina de arco-íris.

— Ela é tão bonita! — Exclamei quando Raine sorriu largamente, segurando sua amiguinha de plástico contra o peito.

— Obrigada. — Raine sorriu, ainda saltando em seu assento. — Aqui. — Ela pegou a flor da bolsa. — Isto é para você.



Engasguei com a enxurrada de sensações que me invadiram quando peguei a margarida branca da mão da menina. — Isso é tão bonito. Obrigada, Raine. Vamos colocá-la na água quando chegarmos em casa.

Abel agarrou minha mão,



murmurando: — Obrigado.

Eu murmurei de volta, ‘é claro’ apertando sua mão de volta.

— Crickett? — Raine chamou do banco de trás.

— Sim? — Virei-me no banco, descansando o queixo no encosto.

— Você é bonita. Você deveria ser minha nova mamãe.

O fogo queimou meu peito, pescoço e bochechas quando Abel engasgou e riu do banco da frente. Felizmente ele me salvou.

— Raine, querida, Crickett e eu somos apenas amigos, mas espero que ela possa sair conosco um pouco enquanto estiver na cidade.

— Senhorita Gilda e eu gostaríamos muito disso, — afirmou ela enquanto balançava o brinquedo de borracha no joelho e olhava pela janela.

Quando voltamos para a casa de Abel, Raine me mostrou seu lindo quarto de princesa rosa com todas as suas bonecas e brinquedos. Ela e eu brincamos por horas, colorindo e brincando de Barbies, casando Ken com Barbie - Barbie chegou a se casar nas costas da senhorita Gilda. Abel nos deixou para ir à garagem ajudar os caras com o meu carro por um tempo, e eu fiquei meio feliz por ter ficado com ela. Ela era uma luz tão brilhante que meu espírito se elevou imediatamente e eu senti como se estivesse na vida dessa garotinha há anos, não apenas horas.



Antes que eu percebesse, Abel estava falando para nós duas, que o jantar estava pronto. Fale sobre o tempo voando, voando. Foi tão maravilhoso passar uma



tarde completamente despreocupada com uma criança que era tão doce e inocente.

Comemos pizza enquanto Raine conversava com o pai sobre o dia que passara na escola e contávamos a ele tudo o que havíamos divertido brincando juntas.

— Tudo bem, princesinha. Está na hora de tomar banho e depois direto para a cama.

Ela cruzou os braços e deu a ele olhos de cachorrinho. — Mas eu não tenho... — Ela respirou fundo quando um bocejo escapou. — Sonooooo...

Abel soltou uma risada suave, erguendo-a em seus braços. — Que tal você tomar um banho e depois Crickett pode ler uma história para você antes de dormir?

Ele olhou para mim para se certificar de que estava tudo bem. Eu sorri e dei-lhe um aceno rápido. — Parece divertido, Raine. Além disso, a Srta. Gilda também não precisa de um banho? Ela brincou muito hoje.

Ela encolheu os ombros. — Sim. Está bem.

Com o dedo mindinho do pai na mão, eles subiram as escadas para o banho.



— Tem cerveja na geladeira, isso não vai demorar. Sinta-se em casa.

Peguei um copo de água e assisti uma reposição de Friends enquanto esperava minha sugestão chegar no tempo da história. Meu coração estava tão cheio de amor e emoção ao ver um pai tão amoroso com



sua filha. Eu sei que houve momentos assim com meu pai, mas a maioria dessas lembranças se perderam ao longo do caminho.

Eu poderia dizer que Abel e Raine não eram os únicos que moravam nesta casa enorme. Era a casa de outros caras também, exceto pela explosão de roxos rosados no quarto de Raine. As paredes mal tinham arte nelas, havia principalmente cerveja na geladeira - além de coisas para Raine - e o cheiro de solteiro emanava de todos os cômodos. Eu esperava que nenhum deles passasse pela porta para me encontrar no sofá sozinha em sua casa.





CAPÍTULO 5

Depois de ler a primeira metade de A Bela e a Fera , Raine cochilou em meus braços.

— Ela adormeceu rápido? — Abel perguntou do sofá na sala enquanto eu pegava uma cerveja na geladeira.

Sentando-me ao lado dele, assenti. — Ela é preciosa.

— Ela é incrível, com certeza. — Ele passou o braço em volta de mim, me puxando para seu peito duro como uma rocha.

— Vou levá-la para pegar seu carro de manhã. — Ele beijou o topo da minha cabeça. — Eu posso levá-la de volta ao motel agora, se você quiser.

Não havia a menor chance de que eu quisesse voltar para o motel e deixar seus braços, mas meu cérebro estava me dizendo que ainda não conhecia esse cara e que eu deveria ter minha guarda e paredes altas até me proteger.

— Não quero ir. Hoje tem sido mais perfeito do que eu realmente posso explicar.

— O que te machucou tanto, querida? Por que você está fugindo de alguma coisa?



Eu suspirei nele. — Não sei se devo colocar em palavras ou simplesmente deixar todas as más lembranças morrerem no passado a que pertencem.

Abel me puxou para o colo dele. — Todos nós temos esqueletos, Crickett. Enquanto não permitirmos que eles nos definam,



podemos seguir em frente. Pare de deixá-los te controlar. Não os deixe vencer.

— Acabamos de nos conhecer, mas eu sinto que precisava vir para cá.

Ele me abraçou. — Bom, porque eu sabia o momento em que vi você e aqueles seus lábios vermelhos brilhantes que você foi enviada aqui para eu conhecer.

Era tão clichê, mas naquele momento, ele pegou um punhado do meu cabelo e me puxou para outro beijo de parar o tempo. Meu corpo zumbiu apenas dos nossos lábios se conectando. Foi incrível.

Eu me afastei dele. — Talvez não devêssemos. — Mordi meu lábio. Era melhor tentar do que depois ficar mais difícil de ir, mesmo que as partes de minha mulher estivessem gritando por ele.

— Eu posso arrumar o sofá para você ou levá-la de volta. Você decide. — Ele se inclinou e beijou bem debaixo da minha orelha, sussurrando baixinho: — Ou eu tenho uma cama muito confortável no andar de cima. Nós podemos apenas dormir. Eu posso ser um cavalheiro quando preciso.

Concordei, levantando-me do colo dele. — Sim. Está bem.



Fomos até o quarto dele, no lado oposto da casa de Raine, o que me fez sentir muito mais confortável. Se eu ia dormir com o pai dela, não queria que ela nos ouvisse.

— Aqui. — Abel me entregou uma camisa AC/DC desbotada e um par de shorts de basquete. — Você pode dormir neles. O



banheiro está lá se você quiser mudar com um pouco de privacidade.

— De onde você veio? — Eu ri baixinho, pegando as roupas e indo para o banheiro.

— O quê? — Ele sorriu seu sorriso matador de calcinha enquanto tirava o patch e a camisa e os jogava na poltrona no canto do quarto.

— Você é como o Príncipe Encantado se metendo para salvar a donzela. — Eu tive que tomar um minuto para recuperar o fôlego quando fiquei boquiaberta com seu abdômen cinzelado e o peito tatuado. Eu não tinha pensado que era possível que ele fosse mais quente do que eu imaginava, mas ali mesmo ele estava me provando que estava errada. As palavras *'respeite poucos, não tema nenhum'* estavam gravadas em sua pele com um crânio durão no meio. Eu era uma idiota total por um cara com tatuagens sexy.

Ele deu alguns passos em minha direção e colocou as mãos nos meus quadris. Seus olhos eram suaves e profundos quando olhou nos meus. — Eu serei o príncipe encantado se você precisar de um, mas confie em mim, este príncipe tem um lado duro dele. É só que... por algum motivo você não traz essa parte de mim. Talvez mais tarde. — Ele piscou e rapidamente bateu na minha bunda. — Agora se mude. Estou exausto.



Sua mão batendo na minha bunda fez minha boceta apertar e meu coração começar a acelerar. Eu o queria mais do que nunca naquele momento. A imagem de apenas atacá-lo era tentadora demais, mas eu realmente queria levar as coisas mais devagar do que antes. Eu já



estava prestes a subir na cama com o cara, talvez não devesse dar todo o leite de graça nos primeiros dias de conhecê-lo.

Subimos na cama e, em dez minutos, estávamos dormindo profundamente. Eu tive uma noite tranquila, cheia de flashes fumegantes de tudo o que eu queria que Abel fizesse, desde beijos sensuais profundos até amarrando-me à sua cama e gozando no meu rosto, com tantas mais aventuras divertidas no meio.

Fui lentamente tirada do meu sono cheio de sonhos por Abel passando os braços em volta de mim e beijando meu pescoço.

— B' dia. — Eu bocejei, rolando em seus braços para olhar dentro de seus olhos.

— Bom dia, doce.

Eu gentilmente beijei seus lábios. — Que horas são?

Quase não havia luz saindo da janela; tinha que de madrugada.

— Quase cinco e meia. Raine acorda por volta das sete, então tento acordar antes dela quando tenho alguém.

O pensamento de Abel dividindo sua cama com outras mulheres não era uma noção louca - ele era um cara do caralho -, mas ciúmes e posse tomaram conta de mim em um instante. Era completamente irracional, mas eu odiava o pensamento dele tocando outras mulheres.



— Isso significa que eu tenho que sair? — Eu não conseguia esconder a decepção



na minha voz enquanto me sentava na cama king size, embrulhada nos lençóis incrivelmente macios de Abel.

— Não, não foi isso que eu quis dizer. Só não quero que ela corra aqui e me encontre na cama com uma garota. Eu gosto de me levantar e me movimentar para que ela não tenha a ideia errada. — Ele me puxou para baixo, de volta em seus braços. — Não sei como criar um filho, vou ficar cego aqui. Só estou tentando fazer o melhor que posso.

Eu balancei a cabeça e beijei sua bochecha teimosa. — Eu entendo totalmente.

— Você sabe que é a primeira garota que eu deixei conhecer Raine desde que a mãe dela morreu.

Bam. Aquela bomba acabava de cair. A mãe de Raine estava morta e ele apenas deixou rolar a língua como se fosse notícia de ontem. Eu fiquei atordoada. Não tinha nem ideia do que dizer.

— Uau. Sinto muito.

Seu aperto em mim aumentou. — Faz algum tempo. É difícil, mas estamos seguindo em frente.

— Você quer falar sobre isso?



Ele balançou sua cabeça. — Talvez mais tarde. Não quero estragar o que resta desta manhã com uma triste viagem pela memória. — Eu assisti seu peito nu e tatuado inflar enquanto ele respirava fundo antes de me puxar em cima dele para montar sua cintura.



Inclinei-me e beijei-o. — Não sei por que estou tão confortável com você. Isso meio que me assusta.

— Acho que vou aceitar isso como um elogio. — Sua voz rouca estava grossa com luxúria escorrendo quando ele enlaçou os dedos nos meus cabelos e guiou meus lábios aos dele.

Lentamente, nossos corpos entraram em um hiper impulso de paixão. Nossos lábios se moveram juntos quando meu coração começou a acelerar e seu aperto no meu cabelo bagunçado ficou mais apertado. Eu podia sentir a necessidade dele por mim crescer enquanto eu gradualmente comecei a moer meu clitoris inchado sobre ele através de nossas roupas. Joguei completamente todas as noções de levar as coisas devagar com meu lindo estranho pela janela. Não havia como voltar naquele momento.

Arranquei a camisa dele por cima da minha cabeça e foi como se um interruptor de luz se apagasse na mente de Abel. Por entre os dentes, ele respirou fundo e soltou um gemido cheio de luxúria, enquanto gentilmente me empurrava para a cama. Agarrou a cintura da bermuda de basquete que eu estava usando e me olhou bem nos olhos. Seu olhar estava quase preto quando ele lambeu o lábio perfurado lentamente.

— Quero você, Crickett. Agora mesmo, porra. Se você quer que eu pare, essa é sua única chance. — Sua voz era forte, possessiva. Seu peito arfava enquanto esperava minha resposta.



— Abel, eu quero você. Eu nunca quis tanto um homem.

Ele olhou para cima e para baixo no meu corpo enquanto hesitava



novamente. — Apenas saiba, você será minha. Neste momento vou reivindicar você.

Suas palavras deveriam ter me feito correr. Isso deveria ter sido uma bandeira vermelha e eu deveria ter medo dele e do que elas realmente queriam dizer, mas eu estava tão consumida por ele e pelo poder sobre mim que ele desejava. Foi um dos momentos mais inebriantes da minha vida. Eu nunca quis nada além de ser dele, apenas dele.

— Eu tenho que dizer isso de novo? — Ele assentiu.

— Leve-me, Abel.

Ele rosnou baixinho. — Diga que você é minha, Crickett.

— Eu sou toda sua, Abel.

Com isso, tirou o short e a cueca boxer. Seu membro ereto foi um dos mais lindos paus que eu já vi e definitivamente o maior.

Lambi meus lábios. — Deixe-me provar você.

Um fogo acendeu em seus olhos. Ele agarrou meus ombros, me puxou para baixo e minha cabeça estava fora do travesseiro, e montou em minha cabeça.

— Se ficar muito intenso, apenas agarre minha coxa com força. Está bem?



Eu balancei a cabeça e lambi a ponta do seu pau lentamente. — Eu acho que posso lidar com você, querido.

Uma risada profunda veio de dentro de seu peito. — Espero que sim, querida, porque não sou o homem mais gentil, para dizer o



mínimo. Agora abra a porra da sua boca.

Eu tive caras tentando falar grosseiramente no passado, mas nenhum deles foi bom nisso ou realmente quis dizer suas palavras. Com Abel, ele estava no comando e queria dizer que todos os comandos que pulavam de seu desejo enchiam a garganta, e nada jamais me excitou mais. Eu senti a poça escorregadia quando meu clitóris palpitava com a sensação dele batendo seu pau no fundo da minha garganta.

Chupei e lambi enquanto ele empurrava dentro e fora da minha boca. Lágrimas se formaram nos cantos dos meus olhos enquanto ele empurrava com mais força a cada impulso.

— Porra, Crickett. Você é tão boa nisso.

Eu senti meu sexo doer por ele. O desejo estava crescendo rapidamente quando eu agarrei a sua coxa.

Imediatamente ele se afastou. — Você está bem?

A quantidade de preocupação que ele mostrou foi reconfortante. — Sim. Eu quero que você me foda.

Seus lábios puxaram um sorriso sensual quando ele me rolou de volta em cima dele. — Como você quiser, querida. Mas quero ver aqueles peitos saltando quando sua boceta pegar meu pau.



Calafrios.

Arrepios percorreram todo o meu corpo enquanto ele pressionava o polegar no meu clitóris, provocando-me lentamente.



— Preservativo?

Ofegando, Abel apontou para a mesa de cabeceira. — Gaveta superior.

Inclinei-me e abri a gaveta o mais rápido possível enquanto meus joelhos tremiam dos pequenos círculos que ele continuava desenhando nas minhas dobras escorregadias. Empurrando minha mão, senti o que pensava ser um invólucro de preservativo, mas o que encontrei? *Fun Dip*[3].

— Realmente? — Eu não pude evitar a risada que voou quando joguei o pacote azul do meu doce favorito da infância no peito musculoso e nu de Abel.

Ele encolheu os ombros. — Então, eu tenho um dente doce, não tem todo mundo?

Eu assenti, pegando o doce. — Eu sei o que estou comendo de sobremesa depois.

— Você precisará disso quando eu terminar com você.

Abel rolou-me dele, pegou uma camisinha e rasgou o plástico com os dentes. Ele entregou para mim. — Vá devagar, querida. Vamos fazer um evento com isso.

Eu subi em cima dele, fazendo o que ele pediu, demorando um pouco a enrolar a camisinha sobre ele. Ele respirou fundo, segurando meus quadris com força.



— Desça.

Esfreguei a cabeça de seu pau nos meus lábios escorregadios, sorrindo um pouco. Seu aperto ficou mais forte, sua

[3] Doce vendido nos EUA.



mandíbula trabalhando intensamente enquanto ele me observava.

— Não seja uma provocadora, querida, — rosnou. Ele não se divertiu com a minha hora de brincar.

— Bem. — Eu me inclinei para trás, posicionando-o na minha abertura. — Quanto você quer isso?

— Eu acho que o quão duro é o meu pau fala por si mesmo, seu foguete. — Ele bateu na minha bunda com força, segurando-a firmemente com uma mão. — Foda-me, Crickett.

Eu levei um tempo para levá-lo. Ofeguei quando me senti esticando, deixando-o me consumir.

— Oh meu Deus. — Eu gemia e comecei a balançar meus quadris, moendo suavemente nele.

— Sua boceta é tão apertada. Puta merda.

Com a mão ainda na minha bunda, ele me empurrou com força contra ele, empurrando seus quadris contra os meus. Ele estava perfeitamente posicionado e em poucos minutos senti meu clímax se acumulando rapidamente na boca do estômago.



— Eu vou gozar, — eu gemi em seu ouvido enquanto cavava minhas unhas em seus ombros.

— Ainda não. — Ele saiu e me rolou de bruços. — Apoie-se em seus antebraços e coloque essa boceta no ar, porra.

— Eu nunca... — Corei antes de



terminar minha declaração. Eu não estava acostumada a muitas posições. Eu não era muito versada em sexo, exceto o que eu aprendi assistindo pornô sozinha com meu namorado de bolso alimentado por bateria. Eu já tinha estado com algumas pessoas, mas todas eram péssimas ou eram idiotas preguiçosas. O estacionamento de trailers não tinha muitas opções no departamento masculino e não havia nenhuma maneira enlouquecedora de dormir com um dos clientes do clube de strip. Esse era mais o estilo da minha mãe, não o meu.

— Há uma primeira vez em tudo, querida. Isto vai ser divertido. Eu gosto de ser seu primeiro em alguma coisa.

Ele me guiou para a posição, ajoelhando-se atrás de mim e passando as mãos em volta da minha cintura. Puxando-me para perto dele, ele se inclinou e beijou minhas costas. — Isso pode doer no começo. Brinque com a dor. Vai valer a pena.

A dor rapidamente caiu para o prazer quando ele mergulhou em mim. Meus joelhos tremiam quando agarrei o edredom debaixo de mim. Foi a primeira vez que senti tanto prazer por sexo, nunca foi assim. Mãos para baixo. Eu fiquei rapidamente viciada.



Ele pressionou os polegares com mais força nas minhas costas, me puxando firmemente contra ele e me fazendo chorar.

— Gosta disso, Crickett?

— Mais do que você imagina! — Eu gemi no cobertor.



Ele empurrou em mim mais rápido e mais forte, puxando meus quadris de volta para ele enquanto suas bolas batiam contra meu clitóris inchado. Eu gritei sem perceber o que estava fazendo. Rapidamente, ele passou a mão em volta da minha boca.

— Shhh. — Ele sussurrou: — Você vai acordar toda a casa, querida.

Forcei minha voz a nivelar. — Estou tão perto, Abel.

— Boa. — Seu tom grave enviou eletricidade pela minha espinha. — Eu vou com você.

Nossos corpos tremiam e pulsavam quando nosso clímax colidiu ao nosso redor.

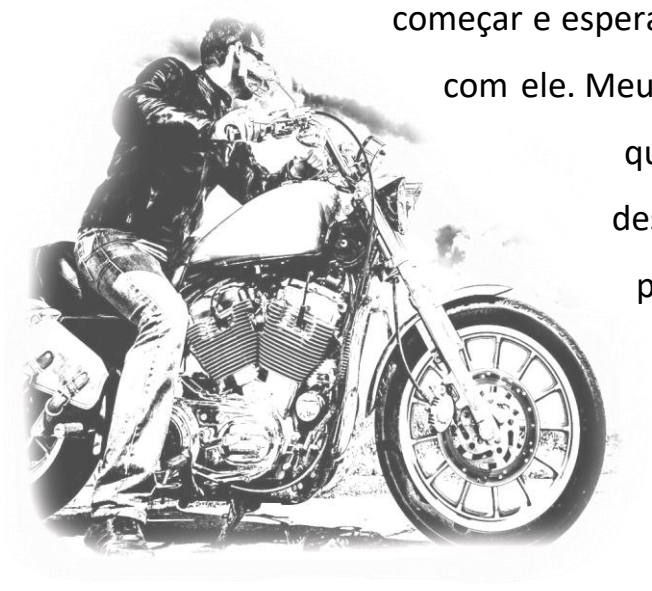
Eu me senti bêbada, pelo menos esse era o sentimento mais próximo que eu podia comparar com o quão incrível eu me sentia naquele momento.

Abel me puxou para ele e beijou bem debaixo da minha orelha. — Você é perfeita.

— Você é inacreditável.

— Vamos nos limpar. Raine vai se levantar em breve.

Abel levantou-se da cama, entrando no banheiro. Ouvi o chuveiro começar e esperava que ele não se importasse se eu entrasse com ele. Meu corpo ansiava por estar perto dele, mesmo que tivesse passado apenas alguns segundos desde que ele se afastou; era mais do que um pouco enervante, mas também emocionante ao mesmo tempo. Eu nunca tinha cobiçado





antes. Talvez eu nunca tivesse gostado de um homem mais do que uma paixonite. O que quer que estivesse acontecendo comigo, minha cabeça e minha libido, pela primeira vez na minha vida, eu estava seguindo o fluxo e me divertindo, sem me preocupar com o que seria meu próximo passo. Foi incrível.

Uma batida soou na porta e eu rapidamente me cobri com o lençol.

Abel correu para a porta com uma toalha enrolada na cintura e a abriu. — Que porra é essa?

Holt estava parado na porta. — É Rave, ele não fez o check-in depois de sua reunião em Riverside na noite passada e ninguém pode contatá-lo. — *Rave.* Esse nome enviou calafrios através de mim novamente. *Poderia realmente ser meu pai? Quantos Raves existiam no mundo?* Meu corpo começou a tremer enquanto eu puxava as cobertas para cima do meu peito.

— Porra. Sim, ok. — Abel esfregou a parte de trás do pescoço. — Deixe-me vestir algumas malditas roupas e desço em um segundo.

Holt assentiu e virou-se para sair, mas não antes de espreitar Abel para acenar para mim.

Bem, isso é humilhante.



Abel bateu a porta, resmungando para si mesmo. — Posso ajudar? — Comecei a vestir meu jeans.

— Na verdade, você se sente confortável em dirigir caminhonetes?

Dei de ombros. — Amigos em casa costumavam me deixar levar suas



caminhonetes o tempo todo. Por quê?

— Você se importaria de levar Raine para a escola e talvez buscá-la? Eu realmente preciso lidar com isso imediatamente.

— Eu não me importo. O que devo fazer sobre o trabalho?

Abel balançou a cabeça. — Eu vou lidar com isso. Enquanto eu estiver fora, você não terá que trabalhar.

Ele pegou um pedaço de papel da cômoda, rabiscou e entregou para mim. — Aqui está o número da casa em que ficarei enquanto estiver fora, caso eu não tenha serviço de celular. Ligue se precisar de alguma coisa. Dirija minha caminhonete, pegaremos seu carro quando eu voltar à cidade. Não quero me preocupar com você ficar presa de novo.

Ele vestiu a roupa, enfiou as chaves no bolso, me beijou na testa e saiu pela porta. — Vou verificar com vocês hoje à noite. — Ele chamou pela porta antes de correr escada abaixo.

Pulei no chuveiro para uma rápida lavagem, vasculhei suas camisas até encontrar uma pequena o suficiente para passar por mim, e caminhei até à cozinha para fazer uma xícara de café.



Quando a panela estava fervendo, Raine saltou para a cozinha. — Onde está o papai? — ela perguntou enquanto subia em uma das grandes cadeiras de madeira à mesa em que eu estava apoiada.

Holt a seguiu. — Ele teve que ir se encontrar com Pop, mas voltará em breve, querida. — Ele deu um tapinha na cabeça



dela antes de pegar duas canecas do armário e entregar uma para mim.

— Obrigada.

Ele assentiu. — Obrigado por ficar por aqui para ajudar com ela. Não se preocupe com o bar, alguns dos caras e Ronda vão pegar algumas horas aqui e ali. Nós ficaremos bem. Apenas faça o que for necessário.

— Ronda está bem com isso?

Eu podia imaginá-la em pânico quando eles ligaram de manhã cedo para adicionar horas aos seus turnos.

Holt deu de ombros. — Ela vai ter que lidar. Abel ou Rich vão lidar com ela. Isso não é nada para você se preocupar.

— Parece bom para mim, eu acho. — Dei de ombros antes de me virar para Raine. — O que você quer no café da manhã, querida?

— Capitão Crunch, por favor. — Ela se sentou à mesa com a Srta. Gilda ao seu lado enquanto eu arrumava uma tigela de cereal para ela.





CAPÍTULO 6

— Como foi a escola hoje, querida?

Raine pulou no banco da frente da caminhonete de Abel, jogando a bolsa no banco de trás. — Tudo bem.

Ela não estava no seu normal, saltitante e borbulhante. — O que há, Raine? Tudo certo?

Ela encolheu os ombros. — Sim. — Com um enorme suspiro forçado, ela abraçou a senhorita Gilda contra o peito.

— Alguém foi mau com você hoje?

Ela assentiu.

— Foi uma menina ou menino?

— Foi um monte de crianças.

Meu coração começou a se partir gradualmente. Ninguém jamais mereceu ser intimidado, especialmente uma criança tão doce e de bom coração quanto Raine.

— O que eles estavam fazendo?



Ela se mexeu na cadeira, olhando fixamente pela janela quando eu saí do estacionamento da escola.

— Está tudo bem, Raine. Você pode me dizer.

— Eles estavam dizendo coisas ruins no recreio.



— Isso acontece muito?

Fiquei olhando para Raine quando suas bochechas ficaram mais e mais vermelhas, seu nariz começou a fungar e seus olhos lacrimejaram. Puxei a caminhonete para o acostamento. Tirei o cinto de segurança e mudei para que eu pudesse colocar minhas mãos para ela agarrar.

Ela apenas olhou inexpressivamente para mim. Claramente, isso não era algo que ela se sentia à vontade para contar aos adultos. Eu realmente queria que Abel estivesse lá para ajudar a lidar com isso, mas não podia deixá-la ficar triste, não era justo com ela.

— Querida, por favor me diga. Sei que acabamos de nos conhecer, mas acho que somos realmente boas amigas. Boas amigas confiam uma na outra com grandes segredos. Isso faria você se sentir melhor se eu lhe dissesse um segredo primeiro?

Ela limpou o nariz com a manga antes de assentir.

— Está bem. — Suspirei e finalmente Raine pegou minhas mãos, apertando com força. — Eu sofri muito na escola porque não tinha pai. Ele se mudou para longe quando eu tinha mais ou menos a sua idade. As crianças foram más comigo sobre isso.



Seus olhos se arregalaram, como se ela estivesse chocada que alguém pudesse se relacionar com o quão realmente as crianças poderiam ser.

— Agora você pode me contar seu segredo?



Ela respirou fundo e com um suspiro de alívio, ela sussurrou: — Eles estavam tirando sarro de mim porque mamãe está no céu.

Senti o sistema hidráulico brotando rapidamente. Aqueles idiotas em sua escola eram monstrinhos. Eu queria dar a volta na caminhonete e bater em todos e depois dizer aos pais para colocarem molho de pimenta em suas línguas, ou melhor ainda, sabão, como minha mãe costumava fazer comigo quando eu lhe respondia mal.

— Isso não é justo, amor. Eu sinto muito.

Ela forçou um sorriso, segurando minhas mãos com seus dedos minúsculos. — Está certo. Eles não têm uma mamãe anjo e eu tenho.

E aí estava: a criança de cinco anos mais forte do planeta. Abel realmente estava fazendo um trabalho incrível com ela.

— Que tal levá-la para casa e ligarmos para o seu pai para ver se podemos tomar um sorvete?

Ela se animou em seu assento. — Yay! Sorvete!

Raine entrou correndo na casa e se limpou o mais rápido que podia enquanto eu ligava para Abel.



Seu profundo sotaque entrou na linha, enviando calafrios pelos meus braços instantaneamente. — Ei, Crickett. Está tudo bem?

Comecei a andar na cozinha. — Sim, acabei de levar Raine para casa. Ela teve um dia difícil na escola.



Ele suspirou suavemente. — Ela está tendo problemas com algumas das crianças da classe.

— Ela me disse. Posso levá-la para tomar sorvete hoje à noite? Animá-la um pouco?

Eu podia ouvir o sorriso em seu rosto. — Depois que ela fizer a lição de casa, parece uma ótima ideia.

— Impressionante. Como está indo tudo? — Eu não tinha ideia se poderia perguntar sobre o que estava acontecendo com o membro desaparecido do clube, eu só queria saber quando ele voltaria para casa sem parecer carente ou desesperada.

— Está indo. Vou ter que ficar fora da cidade por mais alguns dias do que eu esperava. Você não se importa de ficar na minha casa enquanto eu estiver fora, não é? É uma grande ajuda para Holt e eu.

Eu nem precisei pensar duas vezes sobre isso. — Certo. Eu posso pegar o resto das minhas coisas no motel de manhã.

— Obrigado, querida. Eu tenho que correr, entrarei em contato. Beije Raine por mim.

Holt entrou na cozinha. — Era Abel? — Ele perguntou, agarrando uma cerveja na geladeira.



— Sim, senhor. — Sentei-me à mesa do café da manhã.

Holt se juntou a mim. — Ele te disse quando vai voltar?

Eu assenti. — Eu vou ficar por aqui e ajudá-lo com Raine. Se está tudo bem com



você.

— Se foi isso que Abel pediu para você fazer, tudo bem por mim. Estamos inundados na garagem e com pouco pessoal no bar. É melhor se eu estiver lá.

— Bem, eu vou segurar o forte. Eu realmente amo Raine. Ela é demais.

— Eu posso concordar com isso. Ah, esqueci de te contar. Trouxe seu carro de volta para que você não precise continuar dirigindo aquela caminhonete grande e velha pela cidade, a menos que queira.

— Obrigada Holt, eu aprecio isso.

Raine desceu as escadas e Holt saiu para comer no sofá depois de um longo dia de trabalho. Depois da lição de casa e um pouco de macarrão, levei Raine para tomar sorvete na cidade. Ela estava completamente despreocupada, não mostrando nenhum sinal da mágoa ou frustração que teve ao deixar a escola poucas horas antes. Quando voltamos para casa, já era hora do banho, e então li Cinderela para ela.

Bem quando seus olhos cansados começaram a se fechar, ela colocou seus pequenos braços em volta do meu pescoço e me beijou na bochecha. — Estou feliz que você esteja aqui, — ela sussurrou, descansando a cabeça no meu ombro.



Eu beijei o topo da cabeça dela. — Eu também estou.

Saí de baixo dela, puxando as cobertas e certificando-me de que ela estava bem e quente.

— Boa noite, querida. Durma bem.



Subir na cama enorme de Abel não muito tempo depois de colocar Raine, com lençóis macios de algodão e uma de suas camisas brancas macias e shorts de basquete, foi incrível. Liguei meu telefone na mesa de cabeceira, apaguei as luzes e fiquei de olhos arregalados. Eu sabia que deveria ter tomado uma cerveja ou duas antes de dormir para me relaxar um pouco, mas por ser responsável pelo filho de outra pessoa, simplesmente não me sentia bem com isso.

Folheei os canais noturnos tentando encontrar algo chato o suficiente para me ajudar a dormir. Finalmente decidi por um documentário sobre chitas. A voz monótona do narrador era tão boa quanto o Sandman jogando sono nos meus olhos.

Poucos minutos depois, uma mensagem sacudiu meu telefone na mesa de madeira ao meu lado.

Abel: Espero que você esteja se sentindo em casa, querida. Queria estar lá segurando você.

Eu: Sua cama é um pouco solitária sem você.

Abel: Como está Raine?

Eu: Tudo bem. Muito melhor que esta tarde.



Abel: Bom. Como vai você?

Eu: Não consigo dormir. Você?

Abel: Eu gostaria de poder ajudar.

Eu: Você estará em casa em breve.



Abel: Mal posso esperar.

Eu: Eu também. Vou tentar descansar um pouco.

Abel: Eu tenho que acordar cedo também. Beije Raine por mim.

Eu: eu vou. Boa noite.

Abel: Noite, docinho. Sinto sua falta.

Eu: Sinto sua falta também.





CAPÍTULO 7

Os dias seguintes se arrastaram. Desde que Abel se foi, Holt estava trabalhando como um cachorro e Raine estava na escola, e na maioria das vezes eu estava entediada.

Bem quando eu estava fechando a porta de Raine depois de colocá-la para dormir um pouco mais tarde do que o normal - era sexta-feira e imaginei que poderia ser um pouco branda, já que ela não precisava ir à escola pela manhã - ouvi a frente da porta bater e o som de vozes na sala de estar.

Os nervos caíram no meu estômago quando o tom áspero de Abel chamou por mim nas escadas: — Babe? Você está aqui?

Fiquei louca quando suas botas começaram a subir as escadas. — Sim. Apenas colocando Raine na cama.

A porta dela se abriu e ela saiu correndo. — Papai!

Abel a pegou nos braços. — Ei, docinho. Você deveria estar na cama.

— Estou tão feliz em vê-lo! — Ela acariciou-o e abraçou-o e eu vi o coração dele derreter.

— Vamos lá, vamos voltar para a cama.



— Mas você acabou de chegar em casa. Eu quero passar tempo com você.

Ele beijou sua bochecha e deitou-a de volta em sua cama coberta de Sininho. — Vamos passar um tempo juntos de manhã. Prometo.



— Promessa de mindinho? — Ela segurou seu pequeno dedo mindinho para ele.

— Promessa de mindinho.

Eu era uma poça de gosma no chão, vendo o quão incrível ele era com Raine. Isso fez Abel muito mais sexy para mim.

Segui Abel para o quarto dele.

— Como tudo correu por aqui? — ele perguntou enquanto puxava seu patch. Ele jogou na cadeira e foi quando notei o olho roxo e estalei as juntas dos dedos.

— Bem. — Tentei ignorar isso. Eu sabia que ele provavelmente não me contaria o que aconteceu, por que ele estava em uma briga, mas acho que não fiz um bom trabalho em esconder a preocupação no meu rosto.

Abel puxou uma camisa branca limpa sobre a cabeça antes de me pegar em seus braços. — Não se preocupe, querida, nem dói.

— Está bem. — Isso foi tudo o que pude sufocar antes que nossos lábios estivessem batendo juntos.

Segurei a camisa de Abel, puxando-o para mim enquanto ele estremecia. — O quê? — Eu rapidamente me afastei dele.



— Apenas uma costela machucada. Nada para se preocupar.

— Você pelo menos encontrou o cara que estava procurando?

Ele se sentou na cama, agarrando minha mão para me puxar até ele. —



Sim. Tudo foi resolvido e todo mundo está bem.

— Isso é bom.

Ele assentiu e me pegou em seus braços, movendo-se para me levar para o banheiro.

— O que você está fazendo? — Eu ri quando ele me sentou no balcão. Ele beijou meu cabelo antes de ligar a água no chuveiro. — Eu quero me limpar e achei que você deveria se juntar a mim.

Meu cabelo ainda estava úmido do banho que tomei depois do jantar. — E se eu não quiser? — Mordi meu lábio quando ele se aproximou de mim.

— Eu não perguntei, perguntei?

O vapor rugiu sobre a porta de vidro do chuveiro.

Antes que eu soubesse o que estava acontecendo, Abel tinha-me em seus braços, minhas costas no ladrilho liso do chuveiro enquanto a água quente rolava sobre a nossa pele. Ele estava gentilmente mordiscando meu pescoço, enviando calafrios pelo meu corpo, mesmo na água morna.

— Deus, senti sua falta. — Ele retumbou no meu ouvido, agarrando um punhado do meu cabelo molhado, puxando-o para trás para estender meu pescoço.



Gemi quando a cabeça de seu pau esfregou meu clitóris sensível, fazendo me desejar que ele me enchesse novamente.

— Você está tomando contraceptivo?

Hesitei. Eu estava, mas nunca tinha estado com um cara sem camisinha. Ouvi



dizer que deveria ser muito melhor, mas isso me assustou. Eu não tinha ideia de onde tinha estado o pau dele.

— Abel, simplesmente não acho que seja uma boa ideia.

Ele suspirou e me colocou no chão. Ele se ajoelhou e começou a beijar meu estômago.

Deixei seus lábios roçarem contra a minha pele molhada. — Você já fez sexo sem camisinha?

— Não. Mas eu simplesmente não sei.

Ele me empurrou contra a parede com uma mão e começou a esfregar o polegar sobre o meu clitóris. Gentilmente ele começou a lamber e chupar meu clitóris. Meus joelhos dobraram com o êxtase suave quando a língua dele rolou sobre minha pele delicada.

— Oh meu Deus! Abel. — Eu mal podia ficar de pé enquanto meus joelhos tremiam. Segurei seus ombros musculosos quando ele olhou para mim. Seus olhos me consumiram quando o prazer daquele momento assumiu. Rapidamente meu orgasmo construiu na boca do meu estômago e bateu com força enquanto meu corpo tremia e meus quadris empinavam.

Abel se levantou, beijando e mordiscando meus mamilos duros no caminho de volta.



— Eu posso respeitar você não querer fazê-lo sem camisinha, querida. Você não precisa explicar isso. Estou limpo. Suponho que você também esteja e, quando estiver pronta, vou foder essa buceta nua. Quero



sentir sua pele na minha, mas posso ser paciente.

Ele desligou o chuveiro e me entregou uma toalha.

— Volto já. — Ele jogou uma toalha em volta da cintura pingando e saiu do banheiro. Voltou rapidamente, largando a toalha no chão. Ele lentamente começou a acariciar sua ereção na mão.

— Fique em suas mãos e joelhos. — Ele apontou para o tapete felpudo. Seus olhos ardiam enquanto ele me observava fazer o que fui instruída.

A gota do pré-gozo foi liberada, então eu lentamente rolei minha língua sobre a cabeça macia enquanto seus dedos entrelaçavam no meu cabelo. — Abra.

Abri minha boca quando ele empurrou a parte de trás da minha garganta com tanta força que engasguei. Foi surpreendentemente emocionante.

— Deus, eu amo foder sua boca. — Abel gemeu, empurrando mais rápido e o mais forte que pode. Eu gemia também, minhas costas arqueando pelo prazer de agradá-lo.

Ele deslizou o pau para fora e empurrou minha cabeça no tapete, batendo na minha bunda. Eu o ouvi rasgar a embalagem do preservativo. — Eu queria isso desde que tive que sair daqui na outra manhã. Sonhei com sua bunda perfeita e sua bela boceta. Diga que você é minha, Crickett.



Eu gemia no tapete. — Abel, sou sua. Por favor, enfie seu pau na minha



boceta.

Seu polegar rolou sobre meu clitóris enquanto seus dentes beliscavam minha bochecha. Ele lentamente mergulhou o polegar na minha umidade enquanto empurrava minha bunda mais alto no ar.

Eu gemi e me afastei dele, rolando de costas. Ele puxou meus quadris contra os dele quando empurrou em mim e meu mundo começou a girar. Foi muito melhor do que qualquer coisa que eu já senti. Ele começou devagar e com suavidade, ganhando impulso.

— Seus peitos são sexy pra caralho, saltando quando eu empurro meu pau em você.

Revirei os dedos sobre meus mamilos duros e sensíveis. Abel mordeu o piercing.

— Isso é bom, querida?

Eu balancei a cabeça, minha respiração engatando quando suas unhas cravaram nos meus quadris.

— Que tal agora? — Ele agarrou minha outra mão, pegando meus dois primeiros dedos e os guiando sobre meu clitóris. Meu corpo tremia incontrolavelmente quando instantaneamente um orgasmo irrompeu.



— Puta merda.

Abel sorriu. — Eu aceito isso como sendo bom também. Minha vez.

Sem tirar o pau da minha boceta, ele



me pegou e me pressionou contra a parede.

— Isso foi impressionante.

Ele mordeu meu pescoço. — Docinho, você ainda não viu nada. As coisas que planejei fazer com você abalarão seu mundo.

Foram necessárias apenas algumas bombeadas rápidas e duras antes que eu sentisse Abel inchar e pulsar dentro de mim quando sua cabeça caiu no meu ombro.

Abel me carregou para a cama, subindo ao meu lado. Ele pegou dois pacotes de Fun Dip da mesa de cabeceira e olhou para mim com um pequeno sorriso e uma sobrancelha levantada.

— Isso parece delicioso.

Ele jogou uma framboesa azul em cima de mim e nos abraçamos, comendo doces como estudantes do ensino médio depois do baile.

Meus olhos vagaram sobre seu peito nu, notando os azuis e roxos profundos cobrindo suas costelas.

— Eles machucam?

Ele balançou a cabeça, lambendo o último pó azul do bastão de doces branco. — Babe, não há nada com que se preocupar. — Ele beijou o topo da minha cabeça. — Estou bem.



Jogamos fora nossos plásticos vazios, Abel me envolvendo em seus braços fortes.

— Boa noite, — ele sussurrou.





Acordar ainda nos braços de Abel no meio da noite foi um pouco estranho. A coisa toda era estranha, mas perfeita à sua maneira. Como duas pessoas simplesmente caem em um ritmo tão bom assim tão rápido? Parecia que Abel e eu éramos duas peças de quebra-cabeça que finalmente se encontraram.

Eu saí de debaixo do braço dele, vesti sua camisa sobre o meu corpo nu e caminhei até à cozinha, rezando por uma garrafa de água fria.

Abri a geladeira para encontrar uma última garrafa. Eu quebrei o selo e comecei a engasgar quando fui surpreendida por uma voz rouca vinda da mesa da cozinha.

— Quem diabos é você? — perguntou o estranho misterioso envolto nas sombras. Olhei para ele, ofegante e quase cuspindo toda a água em mim.

Acendi a luz da cozinha e meu coração afundou. Era como se eu estivesse olhando diretamente nos meus próprios olhos.

Comecei a hiperventilar.

Estava tonta.



Meu corpo inteiro começou a tremer.

— Crickett? É você? — o homem disse, levantando-se da mesa.

— Que porra você está fazendo aqui? — Cuspi, dando um passo para trás na geladeira enquanto eu recuava do homem



que costumava ser meu pai.

— Eu deveria estar fazendo a mesma pergunta.

A grande estrutura de Abel ocupava a entrada da cozinha. — Rave? Crickett? Está tudo bem aqui?

— Então é realmente você! — Os olhos de Rave se arregalaram, me encarando.

— Você a conhece, pai?

Eu não conseguia respirar. — Você acabou de chamar ele... — Eu estava prestes a desmaiar.

De jeito nenhum.

Isso não pode estar acontecendo.

— Abel é meu enteado. — Rave sentou-se novamente à mesa com um suspiro. — E essa moça aqui é minha filha.

O rosto de Abel ficou branco. Ele começou a andar pelo chão. — Ele é o motivo por que você veio a esta cidade?

Eu assenti.

— Você está me procurando? — Rave puxou a cadeira ao lado dele, mas não havia como eu estar tão perto dele ainda. Eu estava assustada demais, para não mencionar que estava praticamente nua, parada ali apenas com uma camiseta branca. Felizmente Abel era tão maior que eu que sua camisa era como um maldito vestido, mas ainda assim, eu nunca me senti mais exposta em minha vida,





especialmente com os dois olhando para mim.

Eu imaginava encontrar meu pai repetidamente por anos, mas nunca pensei que ele estivesse sentado na cozinha da casa de um vice-presidente de gangue de motociclistas usando um patch igual, às quatro da madrugada, alegando ser seu maldito padrasto. Isso era demais para eu pegar.

— Foda-se, Rave! — Eu gritei e saí da cozinha direto pela porta da frente, pegando minha bolsa e chaves da mesa de café no meu caminho.

— Crickett, espera! — Eu podia ouvir Rave correndo atrás de mim.

Lágrimas já estavam escorrendo pelo meu rosto enquanto eu corria pelos degraus da frente da varanda.

— Por favor, deixe-me explicar, — ele me chamou, mas eu já estava no meu carro, com o motor ligado.

Abaixei minha janela. — Você teve a chance de explicar por anos. Em vez disso, você correu para cima da montanha e brincou de papai por outra porra de criança? Você me deixa doente.

Saí da garagem e estava a mais ou menos um quilômetro abaixo da estrada quando percebi que não tinha ideia de para onde ir. Eu ainda tinha o quarto de motel, mas a chave estava em casa de Abel, junto com todas as minhas outras merdas.



Eu realmente preciso começar a pensar nas coisas com mais frequência.

Rapidamente os faróis de duas motocicletas estavam quentes no meu rabo. Abel veio ao meu lado e começou a



gritar para eu parar. Eu estava chorando histericamente, balançando a cabeça negativamente e desviando por toda a estrada.

De repente, Rave estava na minha frente, freando. Eu desviei da estrada, mal perdi o para-choque traseiro dele e bati meu carro no parque.

Eu estava uma bagunça. Minhas emoções estavam me superando. Ranho estava escorrendo do meu nariz.

Eu não estava vestindo roupas de verdade.

Eu queria ficar brava, mas estava mais machucada do que qualquer coisa.

Abel desceu da motocicleta e veio à minha janela. — Crickett, — ele gritou pela janela, — Destranque suas portas agora.

Eu balancei minha cabeça, mãos coladas no volante.

— Não estou perguntando. Saia desse maldito carro. Você está chateada demais para estar dirigindo. Você vai se matar ou pior, alguém mais.

Não havia ninguém nas estradas às quatro da manhã nessa pequena cidade nas montanhas da Carolina do Norte, mas eu sabia que ele estava certo: eu estava chateada demais para estar dirigindo. Deslizei para o banco do passageiro e apertei o botão de desbloqueio. Abel deslizou para o lado do motorista e trancou o carro novamente. Ele pegou minha mão.



— Então Rave é seu velho, não é? — Eu assenti.

Obrigada, Capitão Óbvio.

— Isso não muda o que eu sinto por



você. — Ele era firme, resoluto.

Olhei pela janela para Rave enquanto ele apenas se sentava em sua motocicleta com a cabeça nas mãos. — Eu não sei se posso fazer isso.

— Fazer o quê? Vê-lo ou ficar comigo?

— Ambos, talvez. Porra, eu não sei. Acabei de foder meu maldito meio-irmão. — As palavras me fizeram sentir doente.

Abel começou a rir um pouco.

Eu atirei nele um olhar maligno, lágrimas ainda manchando meu rosto. — O que diabos poderia ser tão engraçado agora?

— Você viu Joe Dirt?

Eu assenti.

— A cena em que ele está transando com aquela garota que não é sua irmã, mas ele a faz gritar 'Eu sou sua irmã' simplesmente surgiu na minha cabeça.

Eu ofeguei e bati meu punho em seu ombro. — Você é um idiota.

— Sim, Provavelmente. — Ele pegou minha mão. — Veja. Somos dois fodidos adultos. Há uma hora, éramos as mesmas duas pessoas que somos agora. Só porque você é filha de Rave, você acha que isso muda?



Dei de ombros. — É tudo tão fodido.

Seus lábios roçaram as costas da minha mão. — Rave se casou com minha mãe depois dos dezoito anos. Só o chamo de



pai, já que não tenho outro e é menos confuso para Raine.

Os olhos de Abel se encheram de dor e o gelo que se acumulou ao redor do meu coração nos últimos trinta minutos começou a derreter.

— Ele é bom para ela?

— O melhor. Não tenho mais família. Eu tenho o clube e a Rave. É isso aí.

— Papai! Mais alto!

O sol quente bateu no meu rosto sorridente quando meu pai me empurrou cada vez mais alto no balanço. Era um lindo dia quente de verão.

— Como está essa princesa?

Ele me empurrou com mais força e eu fui voando pelo ar tão rápido quanto o vento.

— Weeee! — Eu gritei.

— Vamos levá-la para casa para almoçar. — Ele pegou o balanço para diminuir a velocidade.

— Só mais um pouco? — Eu implorei, saindo meu lábio inferior.



Ele me agarrou, me segurando perto de seu peito enquanto beijava minha bochecha. — Amanhã é seu primeiro dia de aula, você não quer arrumar sua mochila Cinderela?



Eu ofeguei de emoção. — Sim!

— Ok, bem, então é melhor irmos para casa. Te amo, princesa.

Ele beijou meu cabelo e nos acompanhou até sua caminhonete branca. — Também te amo, papai!

Lágrimas escorriam pelo meu rosto quando Abel balançou meu ombro. — Indo lá fora por um minuto, baby?

Ugh. Ouvir meu meio-irmão me chamar de baby era estranho, mas nem uma hora antes de ele ter sido meu lindo estranho pelo qual eu estava me apaixonando muito.

Isso vai levar algum tempo para se acostumar.

No final do dia, ele era meu e eu era dele, mesmo que estivesse errado. Eu mal o conhecia; ele era meu chefe, para não mencionar o meu meio-irmão. Parecia certo demais.

Eu murmurei: — Sim. Apenas lembrando.

— Coisa boa?

Foi quando percebi que estava sorrindo, ainda olhando pela janela para Rave, que parecia extremamente perturbado.



— Ele me amou.

Finalmente me lembrei do quanto ele significava para mim e para ele. Nós realmente tínhamos um vínculo, e isso tornava isso



muito mais confuso.

— Por que ele não lutou por mim?

— Acho que Rave é o único capaz de responder a essa pergunta.

Caí no meu lugar. — Você pode me levar para casa?

— É claro, desde que por casa, você queira dizer voltar para minha casa para poder vestir uma calça e finalmente obter as respostas que estava procurando.

— Obrigada. — Inclinei-me e beijei a bochecha coberta de barba de Abel.

Abel ligou para Holt. — Ei cara, desculpe acordá-lo.

Eu me senti terrível por Holt ter que continuar limpando minhas bagunças.

— Eu preciso que você venha comigo para pegar minha motocicleta em um minuto. Estou levando Crickett de volta para casa em seu carro. Longa história. Vista-se. Chego em casa em um minuto.





CAPÍTULO 8

Depois de voltar para a casa de Abel, vestir roupas e passear nervosamente pelo quarto de Abel por cerca de trinta minutos, tentando me convencer a sair do meu próximo passo, fui até à cozinha onde Abel e Rave estavam sentados à mesa de jantar.

Abel se levantou da mesa quando me viu entrando. — Bem, vou deixar vocês dois por um tempo. Estarei lá em cima, se precisar de mim. — Ele apertou meu ombro antes de subir as escadas.

As palavras me escaparam quando me sentei do outro lado da mesa do meu pai. Cruzei meus braços; meu coração estava guardado e eu estava completamente preparada para manter aquelas paredes altas no lugar.

Ele limpou a garganta. — Você tem perguntas para mim?

Dei de ombros. Eu tinha um milhão, mas não sabia por onde começar. Senti todas as minhas paredes ficando mais altas com a adição de aço reforçado.

Ele se mexeu no assento, foi pegar duas cervejas da geladeira, abriu-as e colocou uma na minha frente com um porta cervejas já.



Eu sorri um pouco. — Essa é a única maneira de realmente beber uma cerveja.

Ele tomou um gole. — Ah sim. Bom e frio com proteção. Você não quer mãos frias ou cerveja quente.

Eu ri comigo mesma, manuseando a



aba na parte superior da lata. — Eu digo isso também.

Um pouco da tensão derreteu quando nos sentamos em silêncio por alguns minutos.

Finalmente, a voz rouca de Rave quebrou o silêncio. — Como você soube me encontrar aqui?

Eu olhei nos olhos dele pela primeira vez desde que percebi que era realmente ele. — Recebi uma carta sua quando tinha dez anos. O endereço de retorno dizia Vilas.

— Você recebeu uma das minhas cartas? — Ele se animou um pouco, colocando uma velha caixa de sapatos na frente dele.

— Uma das? Eu só tenho uma. Não sentiu que escrever para a sua filha era muito importante, não é?

Os pés de galinha nos cantos dos olhos se abriram quando a preocupação se espalhou pelo rosto. — Escrevi centenas de cartas ao longo dos anos. Aqui, deixe-me mostrar-lhe.

Ele caminhou com a caixa grande até o meu lado da mesa e sentou-se ao meu lado. — Elas sempre voltavam para mim, mas eu continuava tentando. Estou feliz que uma tenha passado.



Abri a caixa de sapatos para ver carta após carta fechada, algumas com apenas algumas semanas de diferença, todas com o arranhão de assinatura da minha mãe: *endereço errado. Retornar ao remetente.*



Meu coração doeu.

— Como ela pode? — Minha voz tremia enquanto lágrimas ardiam nos meus olhos.

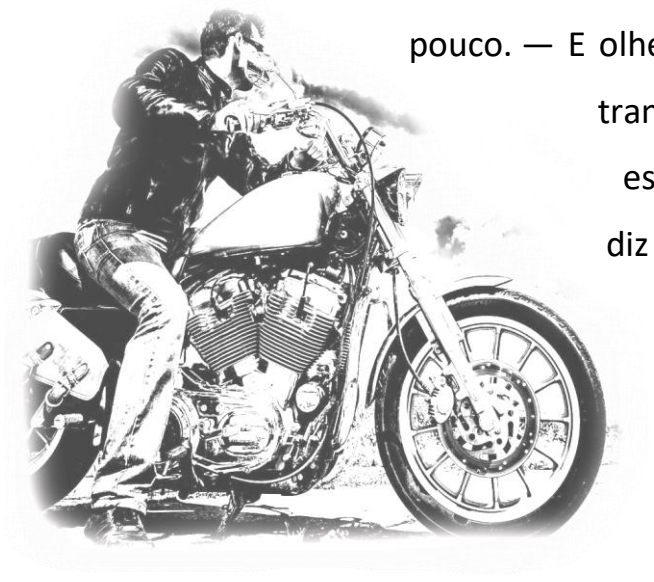
Rave ficou quieto enquanto vasculhava a caixa, descendo para o que pareciam arquivos de documentos legais datando até o meu aniversário de dezesseis anos.

— Você lutou por mim?

Sua cabeça caiu quando as lágrimas começaram a escorrer lentamente por suas bochechas. — Não havia muito que eu pudesse fazer depois que sua mãe alegou que lhe bati naquela noite em que fugi. Passei cerca de trinta minutos na estrada antes que os policiais me algemassem e me jogassem na cadeia por três dias. Há muito para lhe dizer, querida. Mas, por favor, saiba que a moral de tudo isso é que nunca quis deixar você com ela. Eu queria proteger você e falhei.

— Eu estava tão errada todos esses anos. — Minha cabeça estava girando, tentando entender tudo.

Sua mão pousou na minha e eu enredei meus dedos nos dele, segurando com toda a minha força.



— Todos esses anos desperdiçados. — Ele tossiu um pouco. — E olhe para você. — Ele tentou sorrir. — Você se transformou em uma mulher tão bonita. Abel está bastante impressionado com você, e isso diz muito.

Limpei as lágrimas das minhas bochechas. — E agora?



Ele se recostou na cadeira. — Nós compensamos o tempo perdido.



Ficamos sentados e conversamos por horas, sobre os bons e os maus. Ele me contou como havia participado de outro capítulo dos Unacceptables no Arkansas e foi assim que encontrou o caminho para a Carolina do Norte. Passei a contar a ele como minha mãe saiu de controle. Eu até disse a ele que costumava ser uma stripper. Podia dizer as palavras picadas, mas ele ouviu e não fez julgamento.

Quando ouvi os passos leves de Raine descendo as escadas, senti que não havia passado tempo com meu pai e eu.

Raine fugiu para ele. — Pop! — ela gritou, pulando nos braços dele. — Você já conheceu minha amiga Crickett?

Ele sorriu e beijou sua testa. — Sim, também estamos nos tornando bons amigos. — Ele piscou para mim quando ela jogou a Srta. Gilda em cima da mesa.



— Bom. Precisamos mantê-la por perto. Ela é bonita e legal. Eu gosto disso. — Ela sorriu para mim e agarrou minha mão. — Você vai me fazer o Capitão Crunch de novo? Você faz o melhor com a quantidade perfeita de leite.

Raine começou a me arrastar para a cozinha e olhei para Rave. — Obrigada. —



Eu respirei quando o alívio me inundou. Não era o cenário que eu havia imaginado durante todos esses anos, mas lentamente percebi que a situação em que me deparei provavelmente era melhor.

Ele apertou os lábios devagar enquanto assentia. — Até logo. Eu preciso ir até à loja.

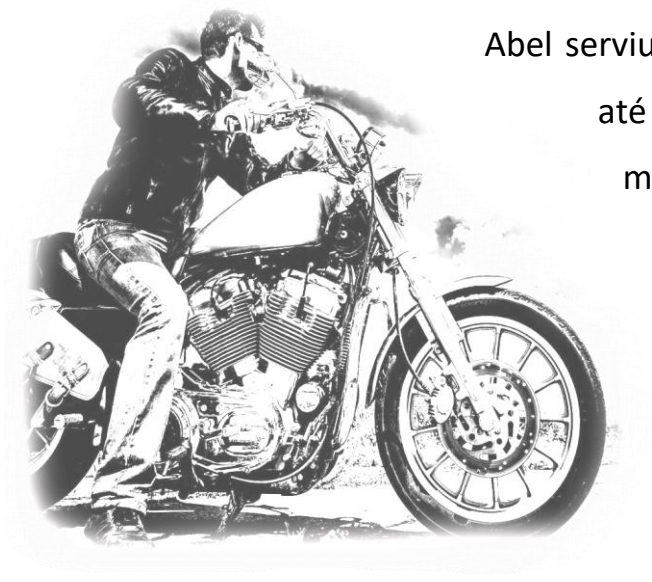
Abel desceu as escadas, pegando Rave na porta da frente. Eu me esforcei para escutar a conversa deles enquanto agarrava as peças do café da manhã de Raine.

— Como foi? — As mãos de Abel estavam enterradas profundamente em seus bolsos enquanto ele encarava Rave.

— Melhor do que eu esperava.

Os ombros de Abel relaxaram. — Bom. Indo para a garagem? — Rave assentiu e Abel deu um tapa nas costas dele. — Eu devo estar indo para lá em algumas horas, veremos como o dia passa. Diga a Ronda para cobrir o turno de Crickett novamente esta manhã.

— Farei isso. — Com isso, Rave estava do lado de fora e eu estava feliz tomando café na mesa do café, enquanto Raine conversava sobre o quão feliz ela estava por ser sábado e não precisar ir para a escola.



Abel serviu uma xícara de café e cobriu minha caneca, até adicionando um pouco de açúcar extra para mim. — Ei, Raine?

Ela olhou para ele com os olhos arregalados, mastigando um bocado de cereal. — Sim, papai? — Eu ri quando o



leite escorreu por seu queixo enquanto ela falava.

— Que tal Crickett e eu a levarmos ao parque hoje em Elm?

Ela se animou na cadeira e começou a pular conforme as bochechas ficavam vermelhas. — Esse é o que tem o corredor realmente grande! — A emoção que estava saindo dela era intoxicante.

— Com certeza é. Termine o café da manhã e escove os dentes.

Raine devorou o resto da comida e subiu correndo as escadas para se arrumar. Lavei minha caneca com a tigela e comecei a carregar a máquina de lavar louça quando senti as mãos de Abel correndo pelos meus braços.

Ele gentilmente beijou o topo da minha cabeça. — Estamos bem?

Eu me virei em seus braços, envolvendo os meus em sua cintura. — Sim. — Nossos lábios lentamente se uniram para o toque mais fraco de um beijo. — Desculpe, eu enlouqueci ontem à noite.

Ele riu um pouco, afastando-se para tirar a caixa de cigarro do bolso da calça jeans. — Você não é a única que estava pirando. Eu pensei que estava perdendo você quando finalmente a tive.

Eu descansei minha bochecha em seu peito quente e nu. — Você não está se livrando de mim tão facilmente.



Ele soltou um suspiro lento. — Bom.

— Eu vou poder trabalhar de novo? — Eu questionei, me afastando dele para fechar a máquina de lavar louça. — Meu chefe pode ficar chateado se eu continuar perdendo



turnos como esse.

Ele me bateu levemente na minha bunda antes de colocar um cigarro entre os dentes. — Eu acho que ele pode lidar com isso. — Com uma piscadela, ele começou a ir para a varanda da frente. — Quer se juntar a mim?

Eu o segui para a enorme varanda da frente, pegando o cigarro aceso antes de ele acender o seu.

— Ela está realmente gostando de você. — Abel apontou para a porta da frente. Nós nos inclinamos contra a grade, o braço de Abel envolvendo os meus ombros.

— Estou a levá-la como uma abelha ao mel, querido. Você tem uma garota incrível lá.

Seus lábios espanaram o topo da minha orelha. — Você é incrível.

Eu não pude deixar de rir. — Você é insano.

— Como você sabe? — Abel mudou para olhar para mim quando a fumaça soprou pelo canto da boca.

— Eu sou uma merda. Fugi de casa para encontrar um homem que mal consigo lembrar e acabei aqui no meio do drama familiar e de um MC. Bastante maluco, se me é permitido dizer.



— Você não acredita no destino? — Seus olhos azuis eram suaves enquanto ele entrelaçou nossos dedos.

— Não comece a ficar suave e piegas comigo, Abel Hellock. Você não deveria ser algum tipo de durão?



Ele riu um pouco. — Sim, algo assim. — Ele jogou o cigarro meio fumado no chão e o pisou. — Deixe-me ir vestir uma camisa, Raine vai pirar se eu não estiver pronto quando ela estiver.

Nesse momento, ela desceu as escadas, abrindo a porta da frente. — Papai! Prepare-se! Gilda e eu queremos gritar descendo no escorregador novamente.

Abel me jogou as chaves da caminhonete dele. — Liga para mim? Desço em um minuto.

Passar a maior parte do final da manhã e início da tarde no parque com Raine e Abel foi a diversão perfeita e alegre que eu precisava para relaxar da noite anterior. Todos corremos, giramos, deslizamos, giramos e gritamos até Raine implorar por pizza e sorvete.

— Um ou outro, — brincou Abel, levando Raine de volta para o caminhão.

— Ok! Pizza.

Pulei no banco do passageiro e Abel fez o gutural motor diesel ranger pela vida.



Ele agarrou minha mão, um sorriso enorme estampado em seu rosto. — Como a pizza soa para você?

Olhei para Raine quando ela afivelou o cinto de segurança. — Acho que parece uma ideia deliciosa!

— Yay! — Raine aplaudiu do banco de trás.



Pedimos uma pizza grande em casa e depois que comemos, coloquei Raine para tirar uma soneca.

Abel estava sentado no sofá com dois copos de uísque com gelo sobre a mesa de café.

— Uísque duplo?

Ele olhou para mim da caixa de cartas e papéis de Rave que estavam abertos. — Eu imaginei que você poderia precisar de uma bebida forte depois que vi tudo isso.

Suspirei e afundei no sofá ao lado dele. — Obrigada. Você não poderia estar mais certo.

Tomei um bom gole lento, deixando o líquido âmbar revestir minha garganta.

— Você não deveria trabalhar hoje? — Apoiei meus pés na mesa de café e joguei um cobertor no meu colo.

— Sim, mas isso foi muito mais divertido. Às vezes você só precisa divertir.

Eu não sabia como perguntar o que queria, mas precisava saber. — Abel?

— Sim, baby?



Eu parei, esfregando meu polegar sobre a borda do copo, olhando para o líquido âmbar girando em torno do gelo. — O que aconteceu com a mãe de Raine e a sua? — Eu finalmente cuspi fora.

— Crickett, é difícil falar sobre isso. — Seus olhos se arregalaram e seu dedo



correu ao redor da borda do seu copo enquanto ele evitava o elefante crescente na sala.

Peguei sua mão. O contato chamou sua atenção e seu olhar se voltou para o meu. — Eu sei que é difícil falar sobre isso. Nós não precisamos.

Ele respirou fundo, bebeu seu uísque, empurrou o sofá e começou a andar. — Não, é hora de finalmente falar sobre isso com alguém. Rave e eu somos os únicos que conhecemos a história real. Vai ser bom tirar isso do meu peito.

Enquanto andava, ele finalmente mergulhou na história. — Preciso recuar até aos quinze anos. Meus pais se separaram quando minha mãe deixou meu pai por Rave. Ele estava aqui por alguns anos naquele momento e tinha acabado de começar a correr com o meu tio, Rich, irmão da minha mãe. Meu velho era o maldito presidente e essa merda realmente não voou, mas minha mãe marchou ao ritmo de seu próprio tambor. Eles não se casaram até os dezoito anos, e Rave finalmente se mudou. Acho que ele queria que a poeira assentasse no clube um pouco antes de pisar nos dedos do meu velho completamente.

Ele derramou mais três dedos de uísque no copo antes de continuar. — Raine nasceu logo após o casamento. Sua mãe, Colleen, tinha dezessete anos e seus pais a expulsaram quando eu a fodi. Ela se mudou para cá e estava tudo bem. Nós éramos uma grande família. Rave e eu até começamos a nos dar bem. Foi difícil no clube, mas tudo parecia estar se acalmando.





Ele parou e olhou para mim, suas mãos tremendo. — Eu não acho que ele era uma pessoa má. Acho que ele ficou louco de ciúmes e de coração partido. — Abel pigarreou e depois deu um longo gole. — Raine tinha cerca de um ano e meio quando isso aconteceu. Eu estava trabalhando até tarde na garagem e Rave estava me ajudando. Ele deixou sua motocicleta na garagem e foi comigo na minha caminhonete. Eu acho que Rave era o alvo, mas por acaso não estava em casa. Enfim, meu velho entrou em nossa casa e atirou em minha mãe enquanto ela limpava a louça do jantar. Eu acho que Colleen o pegou de surpresa. Ele atirou nela também antes de se matar. O resto da noite é um borrão de merda. Os policiais chegaram à garagem e meu mundo desmoronou. A culpa que se enterrou dentro de mim e Rave nunca desapareceu. Em um momento, as únicas duas mulheres que eu já amei foram levadas pelo doador de esperma monstro que era o presidente do clube que eu tinha amado. Tudo estava indo para o inferno em uma maldita cesta de mão.

Eu fiquei paralisada. Não tinha palavras. Nada.

— Abel, eu... — Ele se sentou ao meu lado, enterrando a cabeça no meu pescoço. Eu passei meus braços em volta dele. — Gostaria de saber o que dizer.



— Não diga nada. Está tudo no passado. Eu nunca vou superar isso, mas é o que é.



CAPÍTULO 9

Nas semanas seguintes, todos começamos a finalmente entrar em um ritmo de normalidade. Comecei a trabalhar novamente, Abel estava passando mais tempo na garagem do que no bar, e Rave estava se tornando uma tarde regular para mim. Até comecei a pegar Raine na escola para que ela pudesse fazer a lição de casa enquanto eu terminava o turno do dia para que Able pudesse trabalhar até tarde.

— Ei, Crickett, certo? — uma voz ranzinza veio do topo do bar enquanto eu limpava alguns copos.

Ergui os olhos para ver Rich, o tio de Abel. Eu o via de vez em quando, principalmente quando ele entrava e saía da sala dos fundos ou entrava para conversar com os rapazes nas mesas de sinuca.

— Sim, senhor. O que eu posso te pegar?

Ele se sentou no assento vazio na frente dele. — Old Crow e Seven Up.

Fiz a bebida dele e fiquei sem jeito na frente dele, sem saber a primeira coisa a dizer para iniciar uma conversa com o presidente do clube. Eu sempre pensei em Abel como meu chefe, mas este era o chefe dele e isso me deixou nervosa como uma merda.



Ele tomou um gole. — Ah. Isso era o que eu precisava. Eu só queria recebê-la adequadamente em nossa pequena família aqui. Tenho estado muito ocupado desde que você chegou e não queria parecer rude.

Limpei o bar ao lado dele, apenas para



parecer que estava ocupada na frente do grande chefe. — Obrigada. Compreendo. Você tem um negócio para administrar.

Holt entrou pela porta da frente e Rich virou-se para ele. Eles assentiram um com o outro e Holt veio atrás do bar.

— Bem, é melhor eu ir para a mesa. Crickett, importa de ficar até um pouco tarde hoje? Podemos precisar que Holt faça uma tarefa mais tarde.

Dei de ombros. — Claro, eu só tenho que pegar Raine da escola. Mas não deve ser um problema.

A porta da frente se abriu e Abel entrou com Raine em sua volta.

— Deixa pra lá. — Apontei para minhas duas novas pessoas favoritas no mundo. — Eu não tenho que ir a lugar nenhum.

Os olhos de Raine se arregalaram quando viu Rich e ela correu em seus braços para um grande abraço de urso.

Abel se apoiou no bar. — Podemos falar por um segundo? — O rosto dele estava estóico.

— Certo. — Olhei para Holt. — Volto já.

Abel me levou até o pequeno quarto que usamos como armário de bebidas e trancou a porta atrás de nós.



— Está tudo bem?

Ele não perdeu tempo. Ele me jogou contra a parede e esmagou seus lábios nos meus.

— Eu estive pensando sobre isso o dia



todo.

Eu podia sentir o quão pronto ele estava pressionando com força no meu estômago. Ele puxou o botão do meu short, deixando-os cair no chão.

— Abel, é realmente uma boa ideia?

Ele gentilmente mordeu meu pescoço, passando a mão pela minha camisa para abrir o meu sutiã.

— Eu acho que é uma das melhores ideias do mundo.

Eu me atrapalhei com o zíper. Eu tinha que admitir que a coisa de sexo proibido no local de trabalho era muito emocionante.

Ele foi pegar sua carteira e deixou cair a cabeça enquanto suspirava. — Esqueci uma porra de camisinha em casa.

— Tudo bem, Abel. Eu quero te sentir.

— Você realmente quer sentir tudo de mim?

Eu sabia o que ele estava falando e ainda estava nervosa, mas ele disse que estava limpo e naquele momento a necessidade de agradá-lo superava meus nervos.

— Sim, eu quero sentir apenas você.



— Você tem certeza que está bem com isso?

— Sim. — Eu olhei nos olhos dele.

Ele me levantou em seus braços fortes e eu apertei minhas pernas em volta de sua cintura. Abel puxou minha calcinha para o



lado e empurrou em mim, me fazendo ofegar.

— Silêncio. Temos que ser rápidos e silenciosos.

Mordi o topo de seu peito tatuado quando um gemido escapou. — Abel. Ali.

A ponta do pau dele estava massageando meu ponto G perfeitamente; a parte rápida não seria um problema. Meu corpo começou a tremer em seus braços quando meu clímax começou a crescer. Seu hálito quente acelerou no meu pescoço enquanto ele pressionava minhas costas com mais força na parede.

— Goze para mim, baby. — Ele rosnou no meu ouvido e foi tudo o que foi preciso. Uma onda incontrolável de êxtase caiu sobre mim enquanto seu pau pulsou dentro de mim. Com um suspiro, sua cabeça caiu no meu ombro.

— Porra incrível, — ele sussurrou, me colocando de pé novamente. — Eu nunca mais vou poder transar com você com uma camisinha.

Eu beijei seu ombro quando ele começou a me deixar sair de seus braços. — Bom.

Endireitamos nossas roupas quando Abel me beijou na bochecha e respirou: — Siga meu exemplo.



Quando ele abriu a porta, ele gritou: — Isso não acabou. Falaremos sobre isso mais tarde.

Eu pulei direto, saindo do armário de bebidas, braços cruzados. — Sim, tanto faz, Abel. Eu superei.



Voltei para trás do bar com os olhos de todos correndo de mim para Abel.

— Problemas no paraíso? — Holt riu com uma piscada rápida.

— Você poderia chamar assim, eu acho. — Comecei a limpar o bar e os membros do clube começaram a entrar na sala dos fundos. Abel olhou para mim com um sorriso rápido quando ele murmurou: — Vejo você mais tarde. — Eu balancei a cabeça e me senti corar no pescoço e bochechas.

Raine desceu a barra para ficar bem na minha frente. — Papai estava sendo mau com você? — Sua testa estava enrugada e seus olhos pareciam prestes a abrir as comportas e começar a borrifar todo o lugar.

Peguei sua mãozinha. — Claro que não, Raine. Ele e eu estávamos apenas brincando. Seu pai é um homem muito legal.

Os lábios dela puxaram um sorriso suave. — Sim, ele é ótimo. Posso ter um refrigerante?

Coloquei um dr. Pepper e comecei a questioná-la sobre seu vocabulário e ortografia para o teste no dia seguinte.

Após cerca de trinta minutos sem ninguém entrar, Holt e eu estávamos ajudando Raine na lição de casa, tentando passar o tempo.



— Realmente não vejo por que Rich queria que você ficasse por aqui.

Dei de ombros depois de tomar um gole da minha água. — Não é realmente grande problema.



Ele começou a queimar uma das calhas de gelo. — É apenas uma perda de tempo, só isso.

Abel veio correndo pela porta dos fundos. — Holt. Nós precisamos ver você. Agora. — Seu rosto estava áspero, e seu tom e postura combinavam.

Fiquei muito nervosa por Holt quando ele olhou para mim com preocupação dançando em seu rosto. — Acho que é bom você ficar por aqui.

— Crickett, por que você não leva Raine para casa? Não demoraremos muito e este lugar está morto.

Ela pulou do banquinho e eu peguei a gaveta para contar o dinheiro.

Abel pegou de mim. — Você realmente deveria sair agora, querida. Eu vou cuidar disso e levar suas gorjetas para casa hoje à noite.

Eu estava gritando por dentro para saber o que estava acontecendo, mas apenas agarrei Raine pela mão e a levei para fora do bar.

— Podemos comer frango empanado?

Uma chuva leve bateu no estacionamento de cascalho quando começamos a correr para o meu carro. — Desde que você coma algumas cenouras com eles.



Prendi Raine no banco de trás e fui em direção a casa. Eu odiava os pulos e chiados dos limpadores, mas estava começando a realmente chover e eu precisava tentar ver a estrada sinuosa. Embora fosse irritante, eu preferiria os barulhos desagradáveis do que ser atingida no rosto enquanto andava de moto.



Eu estava limpando os pratos do jantar quando Holt e Abel finalmente chegaram em casa. Os dois estavam sorrindo e conversando enquanto suas botas pisavam pela porta da frente. Então notei: Holt estava usando um patch.

— Bem, acho que não tinha com o que me preocupar esse tempo todo. — Eu dei um abraço em Holt. — Parabéns.

— Obrigado. — Os dois pegaram cervejas na geladeira.

— Há alguma comida no forno para vocês.

— Obrigado, querida. — Abel me puxou para sentar no colo dele na mesa do café, abrindo uma cerveja para mim também. — Um brinde ao nosso mais novo membro. — Nós esmagamos nossas cervejas juntos.

— Desculpe por te expulsar do bar assim antes. Eu precisava manter esse cara na ponta dos pés. Não queria estragar uma boa surpresa.

Eu beijei sua bochecha desalinhada. — Entendi.

Os caras fizeram pratos e eu me enrosquei no sofá com Raine enquanto eles comiam. Raine cochilou assistindo My Little Pony - não o terrível novo remake de que as rachaduras na rede começaram a ir ao ar, as reprises de quando eu estava crescendo. Eu estava mais encantada do que eu teria me importado em admitir; nem percebi que ela estava desmaiada perto de mim até começar a avançar rapidamente em alguns comerciais.



— Acho melhor eu colocar essa pequena dama na cama. — Abel levantou-a em seus braços antes de se virar para mim. — Vista roupas mais quentes, vamos dar uma volta.



— Parou de chover, as estradas estarão molhadas. Não acho que seja uma boa ideia.

Eu não estava na motocicleta de Abel desde aquele dia em que fomos ao restaurante. Uma vez foi realmente o suficiente para mim. Eu gostava tanto de emoção quanto do próximo cara, mas havia um elemento de perigo que era um pouco demais para mim.

— Vamos. Eu quero te mostrar algo.

Deixei minha cabeça cair no encosto do sofá. — Bem. Mas se eu surtar ou gritar, é por sua conta.





CAPÍTULO 10

O doce cheiro de flores encharcadas de chuva passava pelo caminho sinuoso da montanha, torcendo e virando cada vez mais longe da cidade e qualquer seção que parecesse familiar.

Mesmo em meados de maio, o ar noturno estava frio, mesmo com meus jeans e moletom. Eu me abracei mais apertado em Abel quando gritei um pouco quando ele fez uma curva acentuada mais rápido e mais apertado do que eu estava remotamente confortável.

Ele desceu por uma estrada de terra escura no meio do nada, encostando no ombro. — Querida, há algo que eu quero lhe mostrar.

Eu desci da motocicleta. — Onde estamos em nome de Deus?

— Bem, tecnicamente estamos no Tennessee, e isso é conhecido pelos habitantes locais como Compression Falls.

Ele agarrou minha mão quando as nuvens finalmente se separaram, revelando uma enorme lua cheia. As árvores úmidas brilhavam ao luar quando Abel me levou por um caminho íngreme.

— Não é muito mais longe agora.



Finalmente descemos para uma margem do rio e o som de uma cachoeira rugindo irrompeu no ar calmo da noite. Enrolamos nosso jeans e tiramos os sapatos, caminhando até uma pedra grande e lisa perto da cachoeira.

Abel sentou, me deixando recostar em



seu peito. Ficamos alguns minutos em silêncio, absorvendo o belo poder da cachoeira.

— Isso é lindo.

Abel beijou meu ombro. — É realmente. É aqui que eu venho quando preciso me afastar de tudo.

— Obrigada por me trazer aqui. Eu nunca vi algo assim. — Seus braços se apertaram em volta de mim enquanto seu peito arfava de uma profunda respiração. — Há algo que eu queria perguntar a você.

Do topo da minha cabeça até os dedos dos pés, tensos. Eu estava me preparando. Se ele fizesse a pergunta corretamente, eu provavelmente iria surtar, e não de um jeito bom.

— Você acredita em casamento? — Não é exatamente o que eu estava esperando.

— Eu acho que não. Sinto que, se as pessoas querem estar próximas, um pedaço de papel não deve defini-lo.

Seu corpo relaxou um pouco. — Eu não poderia concordar mais.

— Por que você está me perguntando isso?

— Porque você é a primeira pessoa, na minha vida, que eu senti que valia a pena me ligar. Nem mesmo a mãe de Raine me fez pensar em tê-la como esposa. Eu a amava, mas foi mais porque ela me deu minha filha. Não acho que teríamos ficado juntos de outra maneira.



Eu me afastei dele, mudando para sentar com as pernas cruzadas, então eu



estava olhando diretamente para ele. — No que você está falando, Abel?

Ele esfregou a parte de trás do pescoço, olhando por mim para olhar a cachoeira. — Estou percebendo que me apaixonei por você, Crickett. Eu amo você, porra. Você não é apenas uma mulher qualquer. Você é especial.

Inclinei-me, roçando meus lábios nos dele. — Eu também te amo.

— Você sabe... estamos sozinhos, e essa água parece muito agradável.

— Não será frio como a merda?

Ele balançou sua cabeça. — Esta área é toda alimentada por primavera. É praticamente a mesma temperatura o ano todo.

— Corrida até à cachoeira! — Eu pulei, me despi e corri para a água, Abel seguindo meu rabo.

Nadamos bem debaixo da água que caía, Abel me segurando, já que o fundo era um pouco profundo demais para eu ficar confortavelmente.

Lentamente, começamos uma sessão de sexo como se fôssemos duas crianças com tesão escondidas sob as arquibancadas em um jogo de futebol.

De repente, Abel começou a rir.



— O que é tão engraçado?

Ele rapidamente me beijou novamente. — É tão louco que há dois meses você entrou na minha vida, e agora aqui estamos.

— O quê, curtindo debaixo de uma cachoeira? Sim, eu também não imaginaria



isso.

— Não, quero dizer que não faz muito tempo, você não estava na minha vida e agora não consigo imaginar não tê-la nela.

Uau. Fale sobre ser idiota. Aquele me acertou nas sensações. Naquele momento, senti meu coração bater de novo. O calor inundou através de mim. Era como se eu finalmente soubesse do que se tratava a vida, como era o amor, o que eu estava procurando. Foi o momento mais deslumbrante da minha vida, um que eu nunca esqueceria.

— Eu não sabia que motociclistas poderiam ser tão piegas.

— Você acabou de tirar isso de mim. Eu nunca sou tão charmoso na vida real.

— Esta é a vida real, querido. Então é melhor você se acostumar, porque eu gosto deste lado de você, principalmente porque é só para mim.

Ele beijou da minha mandíbula até o meu ombro. — Tudo é só para você, baby. Você e Raine são meu mundo agora.

Uma inundação de desejo tomou conta de mim. Abaixei-me e comecei a acariciá-lo gentilmente. — Você sabe uma coisa que eu não fiz?



Ele respirou suavemente no meu pescoço, gemendo um pouco. — O quê?

— Transei debaixo de uma cachoeira. Isso é status da lista de desejos.

— Bem, então vamos marcar uma da lista.



Ele mordeu levemente meu ombro e eu esfreguei sua cabeça sobre minha boceta, lentamente inserindo-o na minha abertura apertada. Ele engasgou baixinho, montando seu pau cada vez mais longe em mim.

Ficamos em silêncio, apreciando a calma e a beleza do momento. Pela primeira vez desde que começamos o que quer que fosse, não estávamos apenas fodendo pelo prazer disso. Nós estávamos fazendo amor. Era uma noite que nenhum de nós jamais esqueceria.

O caminho de volta para casa foi um pouco mais miserável que o caminho já que eu estava congelando. A temperatura continuou a cair, e combinando isso com meus cabelos molhados e roupas úmidas, eu não era a mais feliz dos campistas. Mesmo assim, foi um preço pequeno a pagar pelo tempo maravilhoso que passamos em Compression Falls.



Eu estava bocejando imenso na manhã seguinte, a caminho do bar. Abel tinha saído antes que eu saísse da cama, dizendo que tinha alguns negócios no clube que ele precisava lidar. Raine foi alimentada e foi para a escola, e agora era hora de começar outro turno de oito horas.



De todos os dias disse para Abel não chamar alguém para trabalhar para mim. Entrei no estacionamento para ver



duas vans que não reconheci cercadas por um monte de motocicletas dos membros do clube. Eu sabia que não devia deixar minhas suspeitas começarem a desaparecer, mas era estranho que houvesse tantas pessoas naquela hora do dia.

Peguei meus tênis no porta-malas enquanto assistia dois dos membros mais jovens entrarem pela porta lateral, uma das zonas fora dos limites para mim.

Abri a porta da frente e comecei a entrar como se fosse apenas mais um dia de trabalho. Cortei limões, enchi as latas de gelo, desembrulhei as tampas das garrafas de licor e contei minha gaveta.

As primeiras horas do turno estavam completamente mortas; nenhuma alma entrou no bar ou saiu da sala dos fundos. Graças a Deus por ter Tetris e Candy Crush no meu telefone.

De repente, a porta dos fundos se abriu e Abel saiu. Seu rosto estava torcido em um dos olhares mais feios e estressados que eu já vi.

— Você está bem? — Eu questionei enquanto ele estava no final do bar olhando pela janela da frente.

— Apenas me dê um pouco de uísque, amor. É um daqueles dias.



Peguei o copo, joguei Jack no gelo e o observei dar o gole duplo como se fosse água.

— Você tem sua arma?

Meu coração começou a acelerar. Por



que diabos ele estaria me perguntando algo assim?

Eu assenti. — Está no carro.

Ele estendeu a mão. — Chaves.

Joguei-as da minha bolsa por cima da caixa. — Eu devo ficar preocupada?

— Não. Eu só quero que fique com você enquanto estiver trabalhando. Isso é tudo.

Ele foi e pegou minha arma no porta-luvas, colocou-a no balcão e, sem outra palavra, voltou com o resto deles fazendo Deus sabe o quê. Nem precisa dizer que eu estava enlouquecendo. Coloquei minha arma no coldre do quadril. Fazia tanto tempo desde que peguei minha arma, tê-la em mim parecia tão errado.

Mais uma hora se passou comigo, tentando ocupar meu tempo com vídeos bobos do YouTube e percorrendo ideias para outra tatuagem.

Quando a porta da frente se abriu, eu quase pulei da minha pele. Um motociclista vestindo um patch que eu não reconheci se aproximou do bar. Ele tinha um sorriso doce e gentil, olhos castanhos claros. Ele se sentou na minha frente e suspirou enquanto colocava a arma no bar.

Eu estava congelada. Coloquei minha mão no quadril, pronta para arrancar minha arma do coldre, mas ele balançou a cabeça. — Isso seria uma jogada estúpida, querida. — Seu doce sorriso se transformou em uma carranca estóica quando ele me olhou de cima a baixo. — Você é uma coisinha bonita, não é? Qual o seu nome?





Eu fingi um sorriso. — Sou Crickett. Não te vi aqui antes. Qual o seu nome?

Ele pegou a arma e começou a olhá-la, brincando apontando para mim. Ele estava tentando me assustar e estava funcionando, mas eu sabia que não podia deixá-lo ver isso.

— Vai pedir alguma coisa?

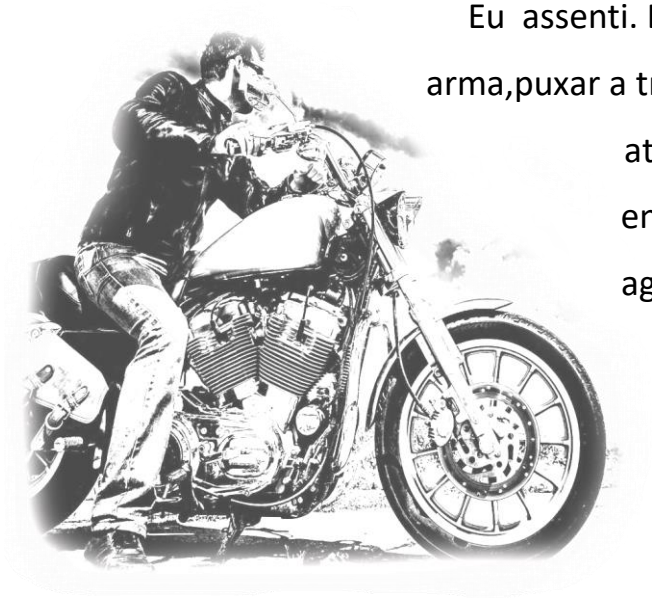
Eu fiquei lá com as mãos nos quadris, implorando que meus joelhos parassem de tremer enquanto sorria docemente e olhei nos olhos ocos dele. — Por que você não me pega um Miller Lite.

Derramei sua bebida e coloquei sua cerveja na montanha russa. — São três dólares.

Ele me entregou cinco. — Fique com o troco. — Ele começou a beber a garrafa inteira.

Eu estava implorando para Abel voltar, para que qualquer um dos rapazes passasse pela porta dos fundos, mas eles nunca vieram.

O estranho pegou a arma e apontou diretamente para mim. — O tempo de jogo acabou. Você vai fazer tudo o que eu lhe disser ou vou explodir seu cérebro.



Eu assenti. Eu sabia que não havia como puxar minha arma,puxar a trava de segurança, puxar o gatilho para trás e atirar nele antes que ele atirasse em mim, então tive que seguir as regras dele. Fiquei tão agradecida por Raine estar em segurança na escola.



— Primeiro, coloque sua arma no balcão.

Eu fiz como me foi dito e, surpreendentemente, ele deixou onde eu o coloquei.

— Agora você vai me mostrar onde eles estão mantendo Reggie.

No começo, pensei que ele estava falando sobre maconha, mas rapidamente afundou, pois ele pensou que eu sabia onde um de seus amigos estava sendo mantido em cativeiro.

Que porra está acontecendo?

Minha garganta estava seca e minhas mãos tremiam. — Eu não tenho ideia de quem você está falando.

Ele pulou do banquinho e deu a volta para o interior do bar. — Não se faça de idiota comigo, sua vadia. Agora me mostre onde eles estão.

Eu tive que levá-lo a algum lugar e esperava que ele estivesse completamente errado e ninguém estivesse sendo feito refém na sala dos fundos do bar. Em minha mente, eu estava prestes a levá-lo direto para uma grande mesa redonda, onde Abel puxaria uma arma e me resgataria dessa pessoa terrível e de seu mal-entendido.

Lentamente, arrastei minhas pernas trêmulas para a porta dos fundos, segurando a maçaneta. Eu o senti pressionar o cano da arma no meio das minhas costas.



— O que você está esperando? Abra a maldita porta. — Sua voz era baixa e nivelada.

Girei a alavanca para revelar uma cena que estava tão longe da imagem que eu



tinha em minha mente. Havia uma grande mesa redonda empurrada para a esquerda para dar espaço ao grupo de rapazes que circulavam um homem amordaçado e amarrado que foi espancado. Seu rosto estava ensanguentado e inchado.

Abel estava parado atrás dele com uma arma na cabeça, gritando com o cara. — Não pense que não vou puxar o maldito gatilho. Agora me diga onde está.

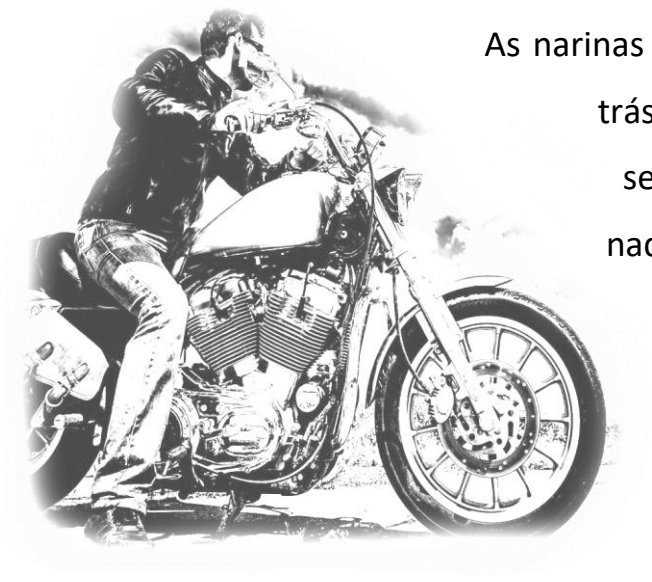
Eu engasguei: — Abel! — enquanto o aperto do estranho se apertava ao redor do meu corpo e o cano pressionava minha têmpora.

Seu rosto ficou branco quando seus olhos se fixaram nos meus. A cabeça do refém pendia enquanto ele gemia de dor, cuspindo sangue no chão.

— Deixe-a ir ou seu amigo aqui entenderá.

Os membros dos Unacceptables que estavam lá ficaram congelados, seus olhos disparando dos meus para os de Abel.

— Não pense que não vou matá-la. — Ele respirou perto do meu pescoço. — É uma pena desperdiçar esta cintura e pernas. — Ouvi o gatilho recuar e a bala entrar na câmara. Eu me preparei, respirando fundo lentamente.



As narinas de Abel se dilataram e ele bateu a parte de trás da arma na têmpora de seu refém. — Não seja um idiota. Deixe a garota ir, ela não tem nada a ver com isso.

De repente, o som de uma arma disparando, alguém ofegando por ar e a



sensação de dor quente sendo espalhada por todo o meu corpo aconteceu em segundos. Levei um minuto para perceber o que tinha acontecido quando o aperto no meu corpo afrouxou e a arma não estava mais pressionada contra a minha cabeça.

Eu podia me sentir gritando quando olhei para baixo e vi sangue cobrindo meu corpo e meu agressor deitado aos meus pés, imóvel. Holt estava segurando uma das facas da barra na mão ensanguentada. Ele me agarrou e me puxou para a área principal do bar enquanto meus olhos se fixavam no homem amarrado à cadeira, metade da cabeça desaparecida e respingada por todo o chão à sua frente e Abel correndo em minha direção.

Comecei a lutar sem parar nos braços de Holt. — Solte-me.

— Não. Crickett, você precisa se acalmar. — Ele estava me puxando para trás do bar. — Deixe-me limpar você um pouco.

Abel estava logo atrás de nós, tentando me alcançar. — Vocês dois se afastem de mim. Você é um maldito monstro, Abel!

Pisei no pé de Holt, me soltando. Peguei minha arma e minha bolsa e comecei a correr para a porta. Abel correu atrás de mim, agarrando meu braço direito quando eu estava prestes a empurrar a pesada porta de madeira aberta.



— Crickett. Espera. Não saia assim.

— Foda-se, Abel. Você acabou de matar um homem e eu quase morri. — Eu puxei o gatilho de volta na minha arma, mantendo-o apontado para o chão. — Então Deus me



ajude, Abel. Solte a porra do meu braço. Eu preciso de um pouco de tempo para processar as coisas.

Seu rosto se contorceu e sua mandíbula se apertou. — Tudo bem. — Ele me soltou e eu corri para o meu carro.





CAPÍTULO 11

Acelerei pela estrada, minha mente caminhando um quilômetro por minuto. Meu plano era voltar para a casa dele, me limpar, pegar minha merda e ficar no motel a noite toda.

Desci a estrada de cascalho quando meu telefone começou a explodir com texto após texto de Abel.

Abel: Baby. Vá para casa. Eu estarei lá em breve.

Abel: Por favor, me ligue. Nós precisamos conversar.

Abel: Sinto muito.

Abel: Crickett, eu amo você. Por favor me ligue.

Joguei meu telefone no banco do passageiro e fiz uma inversão de marcha. Se Abel estava a caminho de casa, não havia como eu estar lá quando ele aparecesse.

Tentei não pensar no sangue que estava secando em meus braços, roupas, pernas e pescoço, mas quando olhei para baixo e vi meu peito coberto pelo sangue daquele homem, ele escorreu pelo meu decote em V até o topo dos meus shorts, comecei a entrar em pânico. Tentei respirar devagar e demoradamente, mas sem sucesso.



Meu corpo estava tremendo, minha respiração estava fora de controle e minha mente estava uma bagunça confusa.

Meu telefone começou a tocar e eu parei na beira da estrada para ver quem



era.

Fiquei surpresa ao ver como estava decepcionada por não ver o número de Abel ou Rave chegando. Deixei o número desconhecido ir para o correio de voz e deixei uma mensagem.

Abri meu telefone e a mensagem começou a tocar.

— Olá, Crickett. Esta é Cindy, vizinha da sua mãe. Ela me pediu para não ligar para ninguém, mas eu acho que você realmente precisa chegar rapidamente ao hospital. Ela foi assaltada. Não tenho muita certeza do que realmente aconteceu, mas eu a encontrei esta manhã em muito mau estado. Os médicos não vão me dar nenhuma informação, já que eu não sou da família e tenho que ir trabalhar agora, mas ligue para mim se tiver uma atualização. Ela está em Jackson. Não sei se a colocaram em um quarto ou não.

Entrei no piloto automático. Em pouco mais de doze horas eu poderia estar ao lado da cama de minha mãe. Meu tanque estava cheio, minha adrenalina estava bombeando e o rádio estava tocando. Eu dirigi por pouco mais de três horas antes de parar em uma parada tranquila. Agarrando o moletom do banco de trás e jogando-o sobre o meu corpo manchado de sangue, corri para o banheiro sem que ninguém percebesse o vermelho escuro que estava espalhado na minha perna.



Eu me tranquei na cabine de deficiente e esfreguei minha pele, joguei fora meu decote em V branco e sutiã encharcado e joguei de volta no meu moletom. Meu short preto não mostrou as manchas muito mal, felizmente. Levou tudo ao meu alcance



para não imaginar os olhos arregalados do morto caído aos meus pés. Mesmo que ele não tivesse tido problemas em ameaçar minha vida, isso não mudou o fato de eu me sentir mal por ele ter morrido. Ele era filho de alguém, provavelmente amante ou pai de alguém.

Depois de encher e pegar um Red Bull, eu estava de volta à minha missão. Depois de ignorar mais de vinte telefonemas de Rave e Abel, parando mais algumas vezes para abastecer e tomando algumas bebidas energéticas, eu finalmente estava entrando no estacionamento do hospital.

O segurança estava sentado atrás da mesa. Ele fez uma cópia da minha licença, me deu o passe do visitante e explicou o labirinto que eu teria que passar para chegar ao quarto da minha mãe.

Tudo parecia estar se movendo em câmera lenta. Eu não podia acreditar que estava de volta à minha cidade natal, prestes a ver minha mãe agredida e machucada por outro assalto. A culpa de ter fugido dela era esmagadora enquanto eu ofegava e empurrava a porta do quarto do hospital.

Bem quando eu estava prestes a dar o meu primeiro passo na sala, uma enfermeira me parou. — Senhora, apenas uma família pode entrar lá, e não é hora de visitar este andar.



Limpei a garganta, virando-me para a senhora mais velha que estava ali com um frasco de remédio e seringa na mão. — Ela é minha mãe, — murmurei.

Com um sorriso gentil, ela assentiu. — Você falou com o médico?

Eu balancei minha cabeça. — Eu



estava fora da cidade. Recebi a notícia de uma vizinha e dirigi mais de doze horas direto para chegar aqui.

— Deixe-me dar seus analgésicos à sua mãe e depois eu chamarei o médico para você. Tenho certeza que ele vai querer conversar com você sobre o estado dela.

Eu segui a enfermeira para ver minha mãe deitada na cama. Seu rosto estava tão inchado e machucado que eu mal a reconheci. Ela estava conectada a monitores e intravenosas, e sua perna direita estava engessada do joelho para baixo.

Ofeguei por ar enquanto corria para a cabeceira dela. — O que diabos aconteceu? — Eu implorei, mas minhas palavras caíram em ouvidos surdos. A enfermeira já havia saído e minha mãe estava desmaiada.

Levou apenas alguns minutos para o médico entrar na sala, mas pareceram anos.

— Srta. Hayes, podemos conversar no corredor?

Eu segui o médico para fora da sala. — Doutor, você sabe o que aconteceu com ela?



Ele olhou o gráfico dela com uma sobrancelha franzida. — A vizinha de sua mãe a encontrou assim. Sua mãe disse que foi estuprada e assaltada, mas não conseguiu informar o nome do agressor. Ela tem algumas costelas quebradas e eles quase quebraram sua mandíbula. Sua perna direita parecia ter sido pisada com



uma bota de aço; sua tíbia e fíbula estão quebradas. Ela tem sorte de estar viva.

Eu me senti fraca. Meus joelhos estavam prestes a ceder. Recostei-me na parede. — Eu simplesmente não posso acreditar nisso. Ela vai ficar bem?

Ele assentiu, tentando sorrir. — Ela está indo melhor. Ela está estável agora. Demos alguns remédios para dor bastante pesados para ajudá-la a descansar. Ela deve poder voltar para casa amanhã, se nada mudar.

— Obrigada, doutor.

A exaustão começou a tomar seu pedágio enquanto eu estava sentada na cadeira de ar no canto da sala, vendo minha mãe respirar superficialmente. A próxima coisa que eu sabia era que era o meio da noite e um alarme estridente tocava. Eu me levantei da cadeira e corri para o lado da minha mãe quando a enfermeira da noite entrou correndo pela porta.

A enfermeira apertou alguns botões, consertou algumas coisas. Minha mãe gemeu quando a enfermeira colocou o tubo de oxigênio de volta no nariz. — Seus níveis de oxigênio começaram a cair. Você precisa continuar com isso.

Através das fendas, minha mãe olhou para mim. — O que você está fazendo aqui? — ela murmurou, mas antes que eu pudesse responder, ela estava voltando ao seu torpor abastecido por drogas.



A enfermeira deu um tapinha no meu ombro. — Ela estará melhor amanhã. Tente descansar um pouco mais.



As brasas pareciam estar embutidas na região lombar enquanto eu tentava tirar o melhor proveito da cadeira desconfortável. Depois de folhear os canais limitados por um tempo, folhear algumas revistas e fazer palavras cruzadas, minhas pálpebras finalmente começaram a ficar pesadas.

O som da tosse me tirou de um sono leve. Pulei da cadeira e encontrei minha mãe me encarando de olhos arregalados.

— Bem, veja o que o gato arrastou. — Ela revirou os olhos, tentando se sentar mais em sua cama.

Andei até à cabeceira da cama dela, tentando esfregar uma torção no meu ombro e pescoço. — Eu vim assim que soube que você estava machucada, mãe.

— Nem sente a necessidade de dizer à sua mãe que você está indo embora, mas sente que precisa vir aqui e fazer o papel de heroína? Minha querida, você não é necessária aqui. — Seus olhos injetados de raiva estavam perfurando minha alma.

— Me desculpe por ter fugido de você assim. Eu simplesmente não conseguia ficar presa na areia movediça da sua vida para sempre.

Ela apertou o botão de chamada da enfermeira antes de me encarar. — Não jogue isso em mim, Crit. Não precisamos fazer isso. Você fez sua escolha. Volte para onde você veio. Eu posso cuidar de mim mesma. — Suas palavras foram murmuradas por sua mandíbula estar tão dolorida.





— Obviamente. — Girei meu dedo pela sala. — Você pode se cuidar totalmente, mãe.

A enfermeira entrou. — Bom dia, Helen. Como você está se sentindo hoje?

— Como se tivesse sido atropelada por um caminhão.





CAPÍTULO 12

Depois que a enfermeira saiu da sala, minha mãe começou a me dar o bom e velho tratamento silencioso. Todo o caminho até o médico entrar, explicando as instruções de cuidados posteriores e dando alta a ela - o que levou horas - minha mãe não falou uma palavra para mim.

Foi só quando estávamos no carro no caminho de volta para o trailer que ela me agraciou com a conversa. — Então, para onde você fugiu? Encontrou um homem?

Revirei os olhos. — Eu fui encontrar o meu pai.

Ela forçou uma risada. — Aquele caloteiro. Aposto que ele está morto em alguma vala em algum lugar.

— Eu o encontrei.

Eu podia vê-la irritada pelo canto do meu olho. — E?

— Ele está indo bem. Foi surpreendente encontrá-lo com centenas de cartas e páginas e páginas de documentos legais. Por que diabos você me deixou pensar que ele havia me abandonado por todos esses anos? Você não sabe o que isso fez comigo?



— Ele nos abandonou, Crit. Não deixe que essa bola de lodo tente enganá-lo a pensar o contrário.

— Vamos apenas deixar isso. Nós não vamos concordar.

Ajudei-a a entrar mancando no trailer e apoiei a perna no sofá com alguns



travesseiros, como a enfermeira me explicou antes de sairmos.

— Me traga minhas malditas pílulas.

Peguei sua bolsa fora de seu alcance. — Você não pode tomar uma por pelo menos mais uma hora, mãe. Você sabe disso. E você tem que comer com elas.

— Foda-se. Você não é a minha chefe.

Eu superei isso. Todos os sentimentos de culpa por deixá-la desapareceram enquanto ela olhava para mim com completa repulsa. Olhei em volta da pequena sala de estar do nosso trailer, que estava desmoronando. Os dois baldes estavam quase cheios de água pelos vazamentos do telhado, fedia o lugar do carpete que precisava ser substituído anos antes, e os móveis estavam caindo aos pedaços e sem correspondência, mas nada disso me incomodava. O fato de o fogão não ter funcionado direito desde os quinze anos era bom, e a maneira como a torneira do banheiro emitia um som de gritar enquanto funcionava não era o problema. O maior problema em todo aquele lugar em ruínas era a mulher que se instalou naquele buraco de merda tantos anos antes. Ela era o problema da minha vida que eu estava fugindo. Ela era a areia movediça miserável que tentava sugar minha vida. Minha mãe era uma desculpa miserável para um ser humano. Eu sabia disso há anos, mas finalmente estava me deixando em paz com isso.



Entreguei-lhe a sacola e comecei a discar a pizzaria na mesma rua. — Se você insistir em abusar dos medicamentos, pelo menos



coma alguma coisa para não destruir o pouco de fígado que resta.

Mal consegui que ela comesse meia fatia de pizza antes de colocar mais duas pílulas na boca e adormecer no sofá com um cigarro aceso entre os lábios.

Puxei um cobertor sobre ela, apaguei o cigarro e decidi encerrar a noite. Ela havia tomado remédios suficientes para mantê-la nocauteada durante a noite e as paredes eram finas o suficiente para que, se ela precisasse de mim, eu pudesse ouvi-la.

A sensação do meu antigo quarto, meus velhos lençóis e cama, meu velho tudo era horrível. Eu odiava o quão sufocante era estar de volta lá. Meu telefone vibrou com outro texto não lido de Abel. Eu desliguei; havia tanto drama que eu poderia aguentar por um dia.

Eu sabia que ele estava preocupado comigo e que provavelmente era errado ignorá-lo do jeito que eu estava, mas a imagem dele matando um homem a sangue frio bem na minha frente era algo que não iria embora facilmente. Eu não era completamente ingênua; sabia que era a natureza da besta. Abel era o maldito vice-presidente do clube de motociclistas, pelo amor de Deus. Eu tinha visto alguns episódios de Sons of Anarchy, sabia que provavelmente havia sangue em suas mãos, mas sabendo que era provável e sabendo que eram dois animais muito diferentes em meu livro. Ignorância realmente era felicidade.



Acordei com um estrondo vindo da sala por volta das cinco da manhã. Peguei o roupão pendurado na parte de trás da



minha porta e corri para o lado da minha mãe. Ela estava deitada no sofá, os olhos mal abertos, a baba pingando do lado esquerdo da boca. Ela derrubou a mesa lateral tentando se levantar do sofá sem as muletas.

— Você precisa ir ao banheiro? — Eu perguntei, colocando meu braço debaixo do dela, pronto para levantá-la. Foi quando vi o frasco quase vazio de comprimidos aberto no chão ao lado dos meus pés.

O horror chegou. — Mãe, oh meu Deus! Você não fez. — Ela soltou algumas palavras que eu não consegui entender quando a sacudi. Olhei para a mão dela: ela estava segurando uma seringa cheia do que eu achava ser heroína.

— Mãe, que porra você pensa que está fazendo? Esta não é a resposta. — Continuei sacudindo-a e ela acordou um pouco mais.

— Por favor, Crit. Estou tão cansada. — Sua cabeça rolou para o meu ombro e eu me sentei ao lado dela, em pânico silenciosamente.

Ela grogue deu um tapinha na minha coxa. — Eu não quero mais lutar. — Suas palavras se arrastaram juntas enquanto seus olhos lutavam para permanecer abertos.

Minha voz falhou enquanto eu tentava descobrir o que fazer. — Mãe, você pode mudar isso. Deixe-me ajudá-la a sair deste buraco do inferno.



— Querida, é tarde demais. — Sua baba pingava no meu braço quando ela começou a posicionar a agulha na veia. — Não há mais nada neste mundo para mim. Eles tiraram



tudo de mim. Eu não tenho mais nada.

Eu era como um cervo nos faróis, apenas esperando no meio da estrada que o acidente acontecesse através das lágrimas nos meus olhos. Lentamente, ela empurrou os medicamentos para a corrente sanguínea. Eu sabia que ela tinha terminado. Eu sabia que deveria estar chamando a polícia, mas fiquei sentada paralisada enquanto assistia minha mãe tirar sua própria vida de merda. A pior parte, a parte que realmente me assustou, foi que não fiquei surpresa. Eu não estava triste. Eu estava apenas entorpecida. Talvez no fundo eu soubesse que era tudo de bom, e se era isso que ela realmente queria, quem era eu para ficar no seu caminho?

Eu a embalava em meus braços enquanto ela tremia, lágrimas rolando pelo rosto inchado e machucado.

— Eu te amo. — Foi a primeira vez em anos que eu disse essas palavras para ela.

— Também te amo, Crickett. — Seus olhos reviraram em sua cabeça quando suas palavras arrastadas desapareceram. Seu último suspiro foi superficial, fugaz. Eu a senti partir e desmoronei.

Pelo que pareceram horas, eu a segurei em meus braços e chorei. Realmente, foram apenas vinte minutos antes das batidas começarem na porta da frente enquanto os gritos de Abel e Rave me chamavam.



Eu apenas fiquei lá, com medo de deixá-los entrar na cena horrível em que eu estava entrincheirada. Parte de mim não queria



abrir a porta porque, uma vez que isso acontecesse, tudo seria real. Todo o pesadelo dos últimos dias seria real demais para eu lidar.

Não demorou muito para Abel chutar a porta da frente. Eu ainda era uma estátua chorona, agarrada ao corpo sem vida de minha mãe quando eles invadiram o trailer. A luz inundou a porta aberta, ardendo em meus olhos quando eles correram para o meu lado.

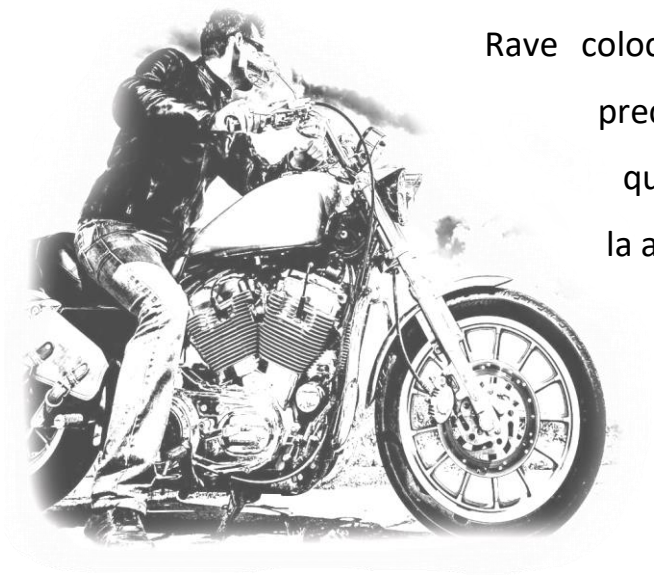
Rave agarrou minha mãe e Abel me pegou nos braços. — Oh, porra, querida, o que aconteceu? — Eu desmoronei em seus braços. Nenhuma palavra se formaria. Foi tudo demais.

Rave reposicionou minha mãe no sofá. Ele esfregou a parte de trás do pescoço enquanto a olhava. — Eu tenho que chamar a polícia, Crickett. Temos que cuidar disso.

Abel sussurrou: — Você não...?

Ofeguei e bati em seu peito, afastando-o com a pouca energia que me restava. — Quem diabos você pensa que eu sou? Você realmente acha que eu mataria minha própria mãe?

— Baby, não leve a mal. Eu tive que perguntar. Não sabemos o que aconteceu aqui.



Rave colocou a mão no meu ombro. — Acho que precisamos conversar um pouco, querida. Sei que é difícil, mas você precisa nos deixar ajudá-la agora.

Eu os segui até a cozinha, nós três sentados em volta da mesa. Através de



soluços, contei a eles toda a montanha-russa em que eu estava desde que saí do bar no dia anterior.

— Tudo certo. Aqui está o que vai acontecer. — Rave começou a andar pela cozinha. — Vou ligar para a polícia e contar a verdade, que Helen se suicidou, que Crickett veio cuidar dela e que estávamos aparecendo para ajudar também. Sem mentiras, sem histórias loucas para se manter em linha reta. Eles podem fazer muitas perguntas, mas ninguém pode ter problemas aqui, então não há com o que se preocupar.

Rave saiu para fazer a ligação, deixando Abel e eu sem jeito sentados na cozinha olhando fixamente para as paredes.

— Sinto muito por ontem, querida.

Peguei sua mão. — Eu sei que você nunca me colocaria em perigo, Abel, mas a vida que você vive é perigosa. E o fato de você ter matado aquele homem, apenas me assombra.

Ele enlaçou seus dedos com os meus. — Farei qualquer coisa para compensar você.

Respirei fundo e lentamente e me arrastei para seu colo. — Apenas me ame.



Eu estava muito cansada, muito abalada e apaixonada por ele para lutar ou afastá-lo mais. Ele levou quase treze horas para lutar por mim. Foi a primeira vez que experimentei o que realmente era, alguém me amando o suficiente para não parar por nada para me recuperar.



Ele suspirou em mim, beijando o topo da minha cabeça. — Você é minha. Eu nunca vou deixar você ir de novo.





EPÍLOGO

UM ANO DEPOIS

Meu corpo tremia de prazer quando as investidas de Abel enviaram meu corpo a um hiper impulso de euforia. Nosso clímax caiu ao nosso redor e eu caí na cama, uma leve camada de suor cobrindo meu corpo cansado.

Abel se sentou atrás de mim, plantando lentamente pequenos beijos no meu ombro. — Como foi isso, senhora Hellock?

Eu rolei em seus braços, afogando nos olhos azuis do oceano do meu novo marido. — Você nunca vai parar de me chamar assim?

Ele encolheu os ombros. — Talvez quando o choque acabar. Então provavelmente. Nunca.

Eu ri um pouco — Que tal o choque de Rave ou Raine quando dissermos a eles que nossa pequena viagem à Flórida foi na verdade uma viagem de casamento a Las Vegas?

Abel olhou para mim, tentando entender o que eu quis dizer.



Eu beijei sua bochecha. — Por que você acha que eu concordei em vir aqui neste fim de semana e cancelar nossos planos?

— Você está falando sério?

Eu plantei um beijo gentil nos lábios dele. — Eu descobri há uma semana. Você realmente não conseguiu descobrir?



Ele balançou sua cabeça. — Eu não fazia ideia.

— Estava com sono e um pouco enjoada pela manhã. Eu nem toquei o champanhe que o imitador de Elvis me deu ontem à noite.

— Puta merda, estamos tendo um bebê. Acabamos de nos casar e teremos um filho do caralho. — O sorriso que se espalhou por seu rosto era como um fogo contagioso de excitação. — Sra. Hellock, acho que você acabou de me fazer o homem mais feliz do mundo. Sem dúvida.

Eu o abracei. — Você está bem em ter outro filho?

Ele olhou profundamente nos meus olhos. — Eu não posso esperar. Eu te amo muito, baby.

— Eu também te amo, Abel. Com todo o meu coração.

Ligamos para o serviço de quarto e observamos as luzes brilhantes da Strip de Vegas.

Abel agarrou minha mão e me puxou para ele enquanto eu estava na janela, observando todos os turistas correndo dos bares e cassinos. Parecia um enxame de abelhas tentando encontrar mel.

— Você está feliz? — ele sussurrou no meu ouvido.



Eu puxei seus braços mais apertados ao redor do meu corpo. — Eu não acho que poderia ser mais feliz.

Olhei para os anéis descansando em nossos dedos. Foi tudo tão avassalador. Algo que eu jurei que nunca faria me preencheu completamente naquele momento. Eu



nunca quis nada além de ser dele, apenas dele, e com uma viagem apressada à Cidade do Pecado, assumimos o compromisso final. Deveria ter me assustado muito, mas eu nunca tinha estado tão calma e segura sobre nada em toda a minha vida. Abel Hellock era para ser meu e eu era para ser dele.

Ele beijou meu ombro antes de perguntar: — O que você está pensando, querida?

Eu ri um pouco para mim mesma. — Honestamente, eu estava pensando naquela noite em que você me disse que seria meu príncipe encantado se eu precisasse de um.

Ele riu um pouco. — Sim, eu lembro disso.

Eu suspirei nele. — Eu não percebi isso na época, mas realmente precisava de um, e sou grata por ter sido você quem me salvou.

— Eu acho que você foi quem me salvou, baby.

Eu me virei para beijar seus lábios macios. — Esqueça o cavalo, meu príncipe encantado anda de moto.



FIM



NOTA DA AUTORA

De cada compra de qualquer um dos meus livros, eu doo para a Fundação Marcie Mazzola. A missão da fundação é "ajudar a melhorar a vida de crianças vítimas de abuso e em risco e conscientizar a comunidade sobre as necessidades das crianças ".

A Fundação Marcie Mazzola foi fundada em 2003 pela minha família. Em 6 de julho de 2002, Marcie morreu tragicamente em um acidente de automóvel. Embora ela tivesse apenas 21 anos na época de sua morte, Marcie havia experimentado muitas coisas e tocado muitas vidas. Ela era uma jovem bonita, cuja beleza interior superou até sua beleza física por causa de sua natureza compassiva e dedicação aos outros.

No momento de sua morte, Marcie estava envolvida em um processo civil contra um motorista de ônibus escolar que abusou dela sexualmente quando tinha 11 anos. Antes de sua morte, esperava-se que o caso fosse vencido, mas uma vez que Marcie não pôde mais testemunhar, seria quase impossível ganhar. O advogado de Marcie se reuniu com sua família para determinar se o processo deveria continuar. Ele informou a família que Marcie confiara a ele sua intenção de doar a indemnização inteira para ajudar crianças abusadas sexualmente e fisicamente se ela ganhasse o caso. Sbendo isso, a família não teve dúvida em que o processo teria de continuar.



O forte compromisso do advogado com Marcie levou-o a prosseguir com o caso, e contra todas as probabilidades, ganhou.

A herança de Marcie recebeu um acordo monetário. Com a orientação de seu advogado e o apoio contínuo, a família criou uma fundação como uma homenagem à vida de Marcie, que continuaria seu legado para ajudar as crianças.